

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

Danielle Antunes

**“DA EDUCAÇÃO DAS CRIANÇAS” EM MONTAIGNE –
UMA IDEIA DE FORMAÇÃO HUMANA**

Florianópolis
2012

Danielle Antunes

**“DA EDUCAÇÃO DAS CRIANÇAS” EM MONTAIGNE –
UMA IDEIA DE FORMAÇÃO HUMANA**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina, para a obtenção do Grau de Mestre em Educação.
Orientadora: Profa. Dra. Lúcia Schneider Hardt.

Florianópolis
2012

Antunes, Danielle

"Da educação das crianças" em Montaigne - uma ideia de
Formação Humana [dissertação] / Danielle Antunes ;
orientadora, Lúcia Schneider Hardt - Florianópolis, SC,
2012.

99 p. ; 21cm

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa
Catarina, Centro de Ciências da Educação. Programa de Pós-
Graduação em Educação.

Inclui referências

1. Educação. 2. Montaigne. 3. Ensaios. 4. Formação. 5.
Filosofia. I. Schneider Hardt, Lúcia . II. Universidade Federal de Santa
Catarina. Programa de Pós-Graduação em Educação. III. Título.

Aos amigos do saber e dos humanos –
atores e autores do maior ensaio
terrestre: a Educação.

Agradecimentos

Agradeço especialmente à professora Lúcia Schneider Hardt, que aceitou o desafio de orientar a minha pesquisa e permitiu-me a liberdade de pensar e escrever, ainda que dentro de todas as normas acadêmicas e de produtividade científica; mas que, acreditando nos germes da autenticidade, auxiliou-me a alçar voo e poder ensaiar tímidos pensamentos, e assim, trilhar em direção a uma autêntica formação, não apenas como docente, mas primordialmente como ser humano.

À professora Marlene Dozol, pelo cuidado e rigor na análise e auxílio no desenvolvimento de meu projeto, revelando-me o trabalho artesanal e minucioso que é a escrita.

A ambas, Lúcia e Marlene, professoras do PPGE/UFSC, coordenadoras da Linha de Pesquisa em Filosofia da Educação, pela aposta e confiança em meu trabalho.

A todos os colegas do Grupo de Pesquisas e Estudos em Filosofia da Educação e Artes (GRAFIA) e aos colegas do mestrado, pelo companheirismo e compartilhamento de ideias, dificuldades, angústias e experiências.

Ao professor Luís Felipe B. Ribeiro, pelos ensinamentos no campo da Filosofia e por aceitar examinar meu projeto da dissertação e trazer suas contribuições filosóficas, que tanto me instigaram a continuar laborando.

Ao professor Nestor M. Habkost pelo incentivo a buscar o mestrado, após ter me acompanhado no estágio docente da Licenciatura em Filosofia, e por aceitar fazer parte da banca examinadora da dissertação.

À minha mãe Inêz, pela educação montaigniana que me proporcionou, ainda que sem conhecê-lo. Pela força, liberdade e por todo cuidado.

Ao meu companheiro Zazo Alves, pelo poder da família e do amor.

Aos meus filhos Caio e Elis, por ser meu estímulo diário na procura e esforço em realizar uma educação que os forme pessoas que saibam viver bem e que adquiram uma cabeça “bem feita”.

Aos amigos, especialmente Ana Carolina, pela prática filosófica através da amizade.

A Deus, sem justificativas.

“Uma pedagogia implica uma filosofia de vida.”
Villey, 1962.

Resumo

Os “Ensaaios” de Michel de Montaigne, escritos no século XVI, ainda nos inspiram, quer por sua forma, quer por seu conteúdo: e por tal razão, o presente estudo busca investigar as interfaces de seu estilo e ideias com a Educação. Abordaremos principalmente o capítulo XXVI do Livro I, o ensaio “Da educação das crianças”, contudo, considerando a obra como um todo. Montaigne preocupa-se com a formação humana, e além de entregar-se ao conhecimento e formação de si, perceptível em toda sua obra, escreve um ensaio especial sobre como formar um ser humano, um jovem que chega ao mundo. Como se dá esta formação é o que iremos analisar ao longo desta dissertação, criando um movimento orgânico que parte da vida do autor, passando por sua forma de escrita, a seguir por suas ideias pedagógicas, para desembocar em possibilidades e perspectivas para pensar algumas das muitas contribuições do filósofo para a Educação. Enfocaremos na crença de Montaigne quanto ao potencial formativo de uma educação bem conduzida e na possibilidade de bem formar um ser humano para que este possa tornar-se mais sábio e melhor. Destacaremos a importância que o autor atribui à experiência, inclusive a filosófica, para a formação intelectual, moral e corporal, e o lugar essencial que a Natureza ocupa na educação, como mestre formador e orientador principal.

Palavras-chave: Montaigne. Ensaaios. Formação. Filosofia. Natureza.

Abstract

The "Essays" by Michel de Montaigne, written in XVIth century, still inspire us, both for their style and for their content. For this reason, this study investigates the interfaces of both Montaigne's style and his ideas around the field of Education. We will discuss mainly the chapter XXVI of Book I, the essay "Of the education of children," considering it in the context of the work as a whole. Montaigne is concerned with human development, and beyond his devotion to self-knowledge and self-development, noticeable throughout his work, he writes an essay about how to shape a human being, a young person arriving into the world. How this education happens is what we will analyze throughout this dissertation. We will move organically from the start of the author's life, to his style of writing, to his pedagogic ideas, in order to see how they lead to possibilities and perspectives for the field of education. We focus on Montaigne's belief about the potential of a well-conducted education and the possibility of developing a good human being so that it can become wiser and better. We will highlight the importance the author attaches to experience: corporeal, moral and intellectual, including the philosophical, as well as the essential place that Nature holds in education as a principal formative teacher.

Keywords: Montaigne. Essays. Development. Philosophy. Nature.

Sumário

Introdução.....	p .17
Capítulo 1	
Vida e Obra de Michel de Montaigne.....	p. 25
1.1 Montaigne, o filósofo e escritor.....	p. 25
1.2 Inspirações filosóficas de Montaigne.....	p. 30
1.3 Montaigne e o Renascimento.....	p. 31
Capítulo 2	
A escrita e os “Ensaios” de Michel de Montaigne.....	p. 35
2.1 A produção dos “Ensaios”.....	p. 38
Capítulo 3	
Filosofia de Montaigne e a ideia de Formação Humana.....	p. 47
3.1 Movimento e Natureza.....	p. 47
3.2 “Da educação das crianças” e a Formação Humana.....	p. 55
3.3 Propostas formativas de Montaigne.....	p. 62
3.4 Formação Humana em Montaigne: Três movimentos.....	p. 75
Capítulo 4	
Pensando com Montaigne: os guias da Formação Humana.....	p. 74
4.1 A natureza.....	p. 74
4.2 O preceptor.....	p. 81
4.3 A experiência.....	p. 83
4.4 Uma educação ensaística.....	p. 86
Considerações Finais.....	p. 91
Referências.....	p. 97

Introdução

Na presente dissertação investigaremos os escritos do filósofo francês Michel de Montaigne (1533-1592) e suas interfaces com a Educação, na sua obra “*Essais*” (I, II e III). Abordaremos mais especificamente as ideias apresentadas no capítulo XXVI do livro I, o “*De l’institution¹ des enfants*”, ou “Da educação das crianças²”. A investigação se moverá em busca de uma aproximação com o autor, com a sua forma de escrever e as ideias sobre educação de crianças e formação humana que emanam dos “Ensaio”. Pretendo aprofundar-me na análise de suas ideias sobre a educação dos seres humanos, bem como na análise dos movimentos formativos³ que emergem destas ideias.

A pesquisa se dará em caráter bibliográfico, concentrando-se especialmente na leitura e interpretação dos “Ensaio” de Montaigne, respaldando-se em grandes estudiosos do autor, como Pierre Villey, Maurice Weiler, Pierre Moreau, Jean Starobinski e Peter Burke.

Os escritos de Montaigne podem ser lidos e interpretados através de diversas lentes e enfoques, e sendo assim, quero deixar claro que a lente que utilizo para a escrita desta dissertação é a Filosofia, e o enfoque a Educação. Por isso se trata de uma pesquisa no campo da Filosofia da Educação.

Michel de Montaigne é um filósofo de uma obra só, os “Ensaio”. Seus escritos fazem nascer uma nova maneira de escrever, um novo estilo no universo das letras, o ensaio, estilo este mais pessoal e intimista, assemelhando-se a uma conversa informal entre o escritor e o leitor. Não pretendendo realizar um escrito científico, o ensaísta

¹ O termo “*institution*” é definido por tradutores, estudiosos e especialistas em Montaigne com o sentido de educação.

² Embora o título do capítulo seja “Da educação das crianças”, não é precisamente apenas da educação de crianças ou da infância tal como concebemos hoje, que Montaigne trata. O autor não pontua cronologicamente a faixa etária a qual se refere, dando a entender que aplica o termo *enfants* às fases que compreendemos como infância, adolescência e juventude, ou seja, muito provavelmente do nascimento até por volta dos quinze, dezesseis anos. De qualquer modo, refere-se às “crianças” como os jovens seres da humanidade, os seres vindouros ao mundo.

³ Considerarei “movimentos formativos”, deslocamentos de ações humanas e não humanas, causais ou acidentais, que tecem e vão perfazendo e constituindo a Forma Humana, em suas dimensões físicas, intelectuais e morais. Ver cap. 3 seção 3.4. Formação Humana em Montaigne: Três movimentos.

sente-se mais à vontade para expressar suas ideias sem necessitar dar a elas um caráter metódico ou didático; o ensaio se movimenta através de uma retórica que busca exalar honestidade e simplicidade nas ideias que tece.

É tarefa difícil classificar as reflexões escritas por Montaigne em sua obra, pois seus escritos apresentam múltiplas perspectivas, sendo objeto de pesquisa entre literatos, filósofos, antropólogos, sociólogos, psicólogos, psicanalistas, historiadores, educadores, e outros profissionais.

Atuando através da perspectiva filosófica nos “Ensaio”, constatamos que é vasta a abrangência de seus pensamentos dentro das áreas da Filosofia, sendo encontrados nos campos da Ética, com seus questionamentos sobre moral, da Epistemologia, com suas indagações a respeito dos limites do conhecimento humano, da Ontologia, com suas dúvidas sobre a natureza humana, da Antropologia Filosófica, com suas observações etnográficas. Montaigne é múltiplo também em influências filosóficas, acessando ideias do estoicismo, do cinismo, do epicurismo, do pirronismo e de uma filosofia da natureza. A influência das escolas filosóficas da antiguidade nos escritos deste homem possuem estreita ligação com o tempo histórico em que viveu e escreveu: o Renascimento. Mais diversa ainda, é a constelação de temas abordados por ele. E, embora seus escritos sejam de natureza filosófica, no entanto, é fundamental percebermos que é também, como encontramos nas palavras de Peter Burke (2006, p. 83), um “[...] texto de arte literária consciente.”

Pensar na contribuição de Montaigne para o campo da educação implica analisarmos nos “Ensaio” as ideias relativas à formação humana. Ao escrever o “Da educação das crianças”, o autor não pretendeu propor soluções institucionais para a educação da população. Admite, de partida, que ensaia sobre seus sentimentos e opiniões, e continua:

[...] apresento-os como algo em que acredito e não como algo em que se deva acreditar. [...] Não tenho autoridade para ser acreditado, nem o desejo, sentindo-me demasiadamente mal instruído para instruir os outros. (MONTAIGNE, 2002, p.221-222).

A reflexão pedagógica de nosso filósofo se dá no âmbito do privado e do particular. Montaigne não busca trazer uma grande novidade pedagógica ao campo da educação; antes, realiza uma crítica

às instituições de ensino que conhecera e seus mestres-escolas, os quais aplicavam um método de ensino rígido, normativo e desestimulante, como revela no trecho abaixo:

Aqueles que, como nosso costume comporta, tentam em uma mesma lição e com idêntica medida de conduta reger muitos espíritos de tão diversas medidas e formas, não é de espantar que, em toda uma multidão de crianças, mal encontrem duas ou três que apresentem algum fruto normal de seu método. (MONTAIGNE, 2002, p.225).

A contribuição de Montaigne não está em uma nova fórmula que possa ser aplicada institucionalmente para educar crianças. Sua atuação se dá na forma de como escrever e pensar sobre a educação, o que Montaigne realiza através do ensaio. A novidade não está no que diz, mas em como diz. As palavras de Maurice Weiler sobre a autenticidade de Montaigne nos “Ensaio” são esclarecedoras:

Mas como escrever alguma coisa que nunca tenha sido dita? A originalidade de nosso autor não está nisso; está na afinação do espírito, na delicadeza do gosto, no sabor inimitável do tom, na escolha feliz da expressão, na graça e no frescor das metáforas que rejuvenescem as ideias antigas e vestem os lugares-comuns de verdadeira novidade. (WEILER, 1961, p.59).

Esta novidade chega até nós: mesmo tendo escrito há mais de 400 anos, Montaigne, ainda hoje, pode ser considerado nosso contemporâneo, quer pela atualidade na forma como expressa suas ideias, quer pela facilidade de sua linguagem. O historiador das ideias e estudioso das ideias de Montaigne, Peter Burke, diz:

Poucos escritores do século XVI são mais fáceis de ler hoje ou nos falam tão direta e imediatamente como ele. É difícil não apreciar Montaigne, e quase igualmente difícil não o tratar como contemporâneo. Antes do Iluminismo, foi um crítico da autoridade intelectual; antes da psicanálise, um frio observador da sexualidade humana; e, antes do nascimento da antropologia social, um estudioso imparcial de outras culturas. É fácil vê-lo como um moderno nascido fora de sua época. (BURKE, 2006, p.9)

A ideia de formação humana está presente em toda a obra de Montaigne. E este é um grande indicativo da inspiração Humanista nos escritos do filósofo. Perpassa por todas as entrelinhas, pois brota da inspiração e da prática filosófica do autor; está na forma como busca viver exercitando a arte do bem viver; de sua reflexão sobre a vida, o ser humano e a autoanálise que empreende em busca de se conhecer. Montaigne considera a filosofia a arte que nos ensina a viver (MONTAIGNE, 2002), ele adota-a para si, para aprender a se conhecer, aprender a viver bem e a morrer bem. Cria suas próprias concepções filosóficas a partir de seus estudos e observações, e as emprega em seus escritos, vindo a ser considerado um filósofo, tal qual a etimologia da palavra revela: um amigo da sabedoria. Admira os exemplos e pensamentos filosóficos, especialmente os da antiguidade, e a eles recorre quando melhor lhe convém. Para tão nobre empresa, atenta para a compreensão da vida em perspectivas amplas, deslocadas, se permitindo a liberdade de pensar, duvidar e escrever o que quiser, utilizando como recursos sua habilidade e intimidade com as letras e sua experiência pessoal.

Montaigne representa a si mesmo em constante formação, como declara: “Viso aqui apenas a revelar a mim mesmo, que porventura amanhã serei outro, se uma nova aprendizagem mudar-me.” (MONTAIGNE, 2002, p.221-222). A pintura do “Eu” empreendida por Montaigne não é estática, mas se revela através dos movimentos que a existência humana é capaz de abarcar; partindo da análise de sua experiência, o autor reflete sobre a formação de um outro ser, e, como já anunciado, dedica um capítulo a esta reflexão. Pensa e escreve sobre a educação de uma criança, recorrendo a memórias de sua infância e dando ao ensaio XXVI traços autobiográficos. Neste ensaio, Montaigne opina, reflete e pondera sobre como exercer tal “ciência”. Mas ao pensar na educação das crianças, está pensando na formação de um homem e em como encaminhá-lo para as mais proveitosas e melhores coisas. É na infância que Montaigne vê os germes de um grande homem, as possibilidades de bem formá-lo, e talvez somente aí. Que tenha em seu horizonte a morte, conhecimento de sua finitude, e consciência de que tem em suas mãos a vida. Que assim possa conduzir a vida com virtude, inteligência, força, sabedoria e beleza. E para que seja possível a concretização do ideal formativo proposto pelo autor, é fundamental que os pais tenham consciência de que estão diante da tarefa mais difícil e importante da ciência humana: educar e formar as crianças.

Segundo Montaigne a criança deve, pois, ser cuidada, protegida, beneficiada, orientada, ensinada. Mas, sem esquecer que a

infância é lugar também de liberdade, de experimentação, de tentativas, de prazeres, e também, de dores. É lugar do desabrochar das potencialidades humanas: do pensar, do julgar, do agir, do conversar, do exercitar. É espaço e tempo para a criança adquirir e exercitar a capacidade de se tornar autora de suas ideias, palavras e atos. Para Montaigne, a autoria na infância é adquirida através da assimilação de todo conhecimento que for transmitido à criança, num processo de reter aquilo que considerar útil e transformar através da reflexão o que provém de fora, apropriando-se dos conhecimentos, tornando-os seus. O que for colocado para a criança, o será para que experimente, mastigue, faça a digestão e possa extrair dali um produto inteiramente seu. E é por vias deste processo de apropriação, transformação e assimilação que o juízo da criança será formado na concepção de Montaigne, como nos coloca Jean Starobinski:

Se se admite que o indivíduo possui, de saída, a faculdade racional, não é menos verdade que o empréstimo intervém no início: e é ao termo da transformação assimiladora que o julgamento se achará formado. Montaigne expõe aqui uma das teses fundamentais da tradição humanista, para a qual toda língua é necessariamente de empréstimo, toda forma (e todo estilo) é de apropriação. (STAROBINSKI, 1992, p112).

Para Montaigne a infância é também o momento para a iniciação filosófica, pois, como afirmou, a filosofia traz ensinamentos para todas as idades. (MONTAIGNE, 2002). No entanto, esta filosofia, será uma filosofia que possa penetrar sua vida, uma espécie de prática filosófica, associando os mais belos ensinamentos filosóficos às suas ações e pensamentos. Deverá estar presente na educação da criança enquanto exemplos e formas de gerar reflexão e aprendizagem sobre a sua própria existência, e por tal motivo é que o autor considera que todos os lugares lhe serão propício. Todo momento é oportuno para a filosofia. Montaigne diz:

Para o nosso, um gabinete, um jardim, a mesa e o leito, a solidão, a companhia, a manhã e a tarde, todas as horas lhe serão iguais, todos os lugares lhe serão estúdio: pois a filosofia, que como formadora dos julgamentos e dos costumes será sua principal lição, tem o privilégio de imiscuir-se por toda parte. (MONTAIGNE, 2002, p.246).

A intenção de Montaigne, ao propor uma formação essencialmente filosófica, é fazer com que a educação da criança seja conduzida por uma “severa doçura”, pois pela doçura de trato e consequentemente o prazer que a filosofia proporciona, certamente seu discípulo folgará menos que os outros, pois apesar da doçura, a filosofia se ocupa de assuntos elevados e salutares: “[...] nossa aula, acontecendo como por acaso, sem imposição de tempo e de lugar e mesclando-se a todas as nossas ações, decorrerá sem se fazer sentir.” (MONTAIGNE, 2002, p.246). A severidade na proposta educativa montaigniana é encontrada no rigor das reflexões e práticas filosóficas, e não na violência e na força empregada a fim de educar. O autor almeja que qualquer tipo de violência e força sejam eliminadas da educação, e declara:

Eliminai a violência e a força; não há nada, em minha opinião, que degenera e estupidifique tão fortemente uma alma bem nascida. Se desejais que ele tema a desonra e o castigo, não o calejeis para eles. Calejai-o para o suor e o frio, o vento, o sol e os riscos que deve menosprezar; tirai-lhe a frouxidão e delicadeza no vestir e no deitar, no comer e no beber; acostumai-o a tudo. Que ele não seja um rapaz belo e adorado, e sim um rapaz vivo e vigoroso. (MONTAIGNE, 2002, p.247).

Montaigne preza pela alegria na formação, não desvencilha a alegria e o prazer da aprendizagem: “Onde estiver para elas o proveito, que esteja também a diversão.” (MONTAIGNE, 2002, p.248). E sugere uma maneira diferente para as aulas, em relação à forma que os colégios de seu tempo empregavam, considerada por Montaigne prejudicial, “[...] uma verdadeira prisão de juventude cativa.” (MONTAIGNE, 2002, p.247):

Como seria mais adequado que as aulas fossem juncadas de flores e de folhas, em vez de pedaços ensangüentados de varas! Eu faria que ali estivessem retratadas a alegria, o júbilo e Flora e as Graças, como fez em sua escola o filósofo Espeusipo. (MONTAIGNE, 2002, p.248).

O autor anuncia em seu ensaio sobre a educação de crianças e jovens uma forma diferenciada de como um mestre deveria conduzir tal

tarifa, e eis onde talvez possamos encontrar uma das pérolas de seus escritos sobre a educação, como nos coloca Weiler:

Devemos enfim a Montaigne esta observação fecunda e capital: um mestre digno deste nome começa por estudar a criança que tem a seu cargo, abaixa-se até ela para melhor orientá-la, e respeita-lhe a personalidade nascente. Tarefa delicada entre as que mais o são, e que requer muita observação, simpatia, paciência, abnegação. Sem isso, entretanto, por melhor que se mobilem as memórias e ornem os espíritos, não se atingirão os corações, não se empenharão as almas. (WEILER, 1961, p.59).

O olhar para a criança é essencial: é preciso estudá-la e respeitá-la, e é este o designio do mestre, aplicando-se com dedicação à sua tarefa, a qual “[...] requer muita observação, simpatia, paciência, abnegação.”

Para a presente análise, iremos primeiramente realizar uma contextualização da vida de Montaigne, sua formação e seu tempo histórico no capítulo 1. A seguir, no capítulo 2, iremos investigar a estética da sua escrita e a filosofia a partir do estilo literário que é o ensaio. Bem como as correntes filosóficas que o influenciaram e a relação delas com o desenvolvimento dos seus “Ensaio”. No capítulo 3, analisaremos suas ideias sobre a educação das crianças, e os movimentos formativos nascidos delas, para então pincelar possibilidades para pensar o conceito de formação humana em Montaigne. No capítulo 4 iremos pensar sobre a atualidade e contemporaneidade das ideias de Montaigne e realizar algumas reflexões sobre a educação vista através da perspectiva do ensaio.

O que Montaigne pensa sobre a educação está intimamente relacionado com sua biografia e sua forma de escrever. Podemos até nos arriscar a dizer que este estudo se apresenta de uma maneira orgânica na busca por compreender suas ideias sobre formação humana, e é por tal motivo que foi organizado considerando vida, obra, conteúdo e forma.

Capítulo 1

Vida e obra de Michel de Montaigne

A vida de um homem não é algo simples de ser contado, principalmente de uma pessoa que nasceu e viveu há mais de 400 anos atrás. No século XVI não havia fotografia nem vídeo para registrar elementos importantes que auxiliam na reconstituição de uma biografia. O que temos são documentos que nos auxiliam a retratar Michel de Montaigne, e documentos escritos por ele mesmo. Felizmente a imprensa surge na época de Montaigne, o que possibilitou a reprodução de seus escritos e a disseminação dos “Ensaaios” e de seu diário de viagem⁴. São estes escritos autobiográficos que nos permitem a abertura de trilhas rumo ao conhecimento deste homem.

Montaigne inaugura um estilo próprio de escrita, colocando em palavras os seus pensamentos e experiências, almeja uma escrita honesta e se dá a conhecer através do que revela sobre si mesmo. É possível até mesmo visualizar o escritor em seu castelo, em sua infância, em sua torre, em seus momentos de refeição, distração e solidão. Os “Ensaaios” cria um filme da vida de Michel de Montaigne. Absolutamente real ou somente baseado em fatos reais com pitadas de ficção é algo que não podemos saber de fato, mas pela sinceridade que pretende transparecer em suas palavras, nos aproximamos deste personagem principal.

Michel de Montaigne quer se dar a conhecer, e talvez até mesmo se autoconhecer através do ato da escrita. Acredita que ao pintar-se está pintando todo o gênero humano, que mesmo com diferentes nuances, pode reconhecer-se em um único exemplar. E ele consegue: não apenas se revela através de seus escritos, como também revela a vida de um homem do Renascimento, do qual se tornará um dos grandes representantes na França do século XVI.

1.1 Montaigne, o filósofo e escritor

Quem foi afinal Michel de Montaigne? Este francês é conhecido na história como um dos principais representantes da filosofia Humanista no período do Renascimento, o qual reaviva o ceticismo em sua nova forma de escrita, o ensaio. Mas, para gerar uma obra sua, através da qual podemos conhecê-lo hoje, foram muitos anos de estudos e experiências.

⁴ *Journal de voyage de Michel de Montaigne*, éd. F. Rigolot, Paris : PUF, 1992.

Michel nasceu de uma família que enriqueceu com o comércio em um período de ascensão da burguesia em toda a Europa, o que possibilitou à sua família, os Eyquem, a compra das famosas terras de Montaigne, e ao menino Michel, o usufruto deste benefício.

Cresceu em um castelo com todas as regalias, não tanto as do luxo, mas as dos cuidados, da atenção, do provimento de suas necessidades físicas, intelectuais e de afeição. Michel orgulha-se do pai que teve, homem preocupado com a educação dos filhos, disposto a fazer o necessário para bem formá-los. Encontra uma nova forma entre os humanistas, dando atenção especial à formação cultural de Michel.

Montaigne foi uma criança e jovem bem favorecido pela educação que seus pais lhe deram, a qual ele mesmo considera exemplar, e que revela autobiograficamente no ensaio “Da educação das crianças”, tendo tido ele uma infância e juventude tranquilas, com liberdade, instrução, boas condições sociais e econômicas. O menino cresceu em um castelo sendo acordado ao som de algum instrumento todas as manhãs. Atribui todo este cuidado ao pai, como já dissemos anteriormente, que buscou uma forma de educação aprimorada “[...] entre pessoas sábias e inteligentes [...]” (MONTAIGNE, 2002, p.258), com as influências humanistas que trouxe de sua viagem à Itália. O autor fala mais sobre a forma de educar de seu pai:

[...] ele fora aconselhado a me fazer apreciar a ciência e o dever por uma vontade não forçada e por meu desejo pessoal, e a educar minha alma com toda a doçura e liberdade, sem rigor nem imposição. (MONTAIGNE, 2002, p.260).

Assim que nasceu o menino foi levado para ser criado por uma ama de leite em uma aldeia vizinha, para ali acostumar-se à vida simples. Ainda pequeno volta para o castelo onde começa a aprender a falar em latim, que era a língua culta da época. Seu pai contrata um alemão que falava perfeitamente o latim e não sabia o francês, assim sendo incapaz de ensinar ao garoto os vícios de sua língua nacional. Todos na casa também deveriam falar em sua presença apenas esta língua. Assim sendo, a língua materna de Michel tornou-se o latim, esforços que valeram muito a pena, pois foi por esse conhecimento que o garoto adquiriu ainda muito jovem, que começou a interessar-se por grandes obras da humanidade escritas nesta língua, e pode lê-las.

Foi para o colégio aos seis anos de idade, o colégio de Guyenne, que era considerado então o melhor da França. Burke revelamos mais sobre este colégio:

Montaigne passou a receber uma educação humanista completa no recém-fundado Colégio de Guyenne em Bordeaux, que, além de ser convenientemente perto de casa, era uma das melhores escolas do novo gênero que podiam ser encontradas na Europa naquele tempo. Foi instruído por humanistas que mais tarde se tornaram famosos, sobretudo Marc-Antoine Muret e o escocês George Buchanan, e atuou nas tragédias latinas que eles compunham. (BURKE, 2006, p. 19).

Graças aos preceptores que seu pai, Pierre Eyquem, encarregava de seus cuidados, foi que, apesar de toda a rigidez do colégio, pode realizar suas leituras “às escondidas”. Michel descobre o mundo fascinante da literatura.

O filósofo também deve aos livros parte de sua formação, e o gosto pela leitura veio logo cedo, como nos conta:

O primeiro gosto que tive pelos livros veio-me do prazer das fábulas da “Metamorfose” de Ovídio. Pois, por volta dos sete ou oito anos, eu me furtava a qualquer outro prazer para lê-las; porque essa era a minha língua maternal, e porque era o livro mais fácil que conhecia, e o mais adequado à fragilidade de minha idade, por causa do assunto. (MONTAIGNE, 2002, p. 262).

O gosto pela leitura foi um prazer que talvez pudesse não ter sido descoberto se não fosse o engenhoso preceptor que o acompanhava no colégio, e que lhe permitia nutrir e satisfazer seus interesses literários, como Montaigne revela:

Nesse ponto, veio-me especialmente a propósito ter contato com um homem com raciocínio de professor⁵, [...]. Se ele tivesse sido louco de quebrar essa tendência, suponho que eu só teria trazido do colégio o ódio pelos livros, como faz quase toda a nossa nobreza. Ele se portou engenhosamente. Fingindo nada ver, aguçava meu apetite, só me deixando saborear aqueles livros às escondidas e docemente mantendo-me dentro de

⁵ « [...]homme d'entendement de précepteur. » (MONTAIGNR. 2009, p. 355).

meu dever para os outros estudos do regulamento. Pois as principais qualidades que meu pai buscava naqueles a quem encarregava de mim eram a bondade e a índole fácil. (MONTAIGNE, 2002, p. 262).

Outro fator marcante na vida escolar de Montaigne foi o teatro e a maneira séria com que se dedicou aos seus papéis, tendo se destacado e sendo considerado o principal ator pelo diretor do colégio de Guyenne, senhor Andreas Goveanus⁶. E nas ideias do filósofo sobre a educação das crianças, o teatro é um exercício que ele recomenda para os meninos de boa família, associando-o à diversão, ao prazer, e até mesmo à amizade, além de serem os espetáculos teatrais “[...] uma forma de desviar de ações piores e ocultas.” (MONTAIGNE, 2002, p.265). Também não podemos deixar de levantar a hipótese de que o título de sua obra, “Ensaio”, possa ter relação com seus ensaios cênicos.

Da fase posterior ao colégio sabe-se pouco, mas os estudos indicam que Montaigne cursou Direito em Paris, posteriormente retornando à sua cidade, *Bordeaux*, e assumindo um cargo de magistratura. Fato é que se tornou um homem bem educado e culto, e deve grande parcela disso ao seu pai, sempre muito bem elogiado por Montaigne em seus “Ensaio”. Através da observação de elementos da formação de Michel de Montaigne, podemos constatar que teve uma formação cultural de alto nível, algo que talvez possa ser-nos um indicativo do gênio do escritor.

Este cargo de conselheiro que assumiu lhe deu boas experiências e favoreceu a sua visão política; também lhe rendeu amizades, especialmente com La Boétie, o qual se tornou seu grande amigo e confidente, e sobre o qual inspirou-se ao escrever o ensaio XXVIII do livro I, intitulado “Da amizade”. Sobre esta amizade revelou: “Para construí-la são necessárias tantas circunstâncias que é muito se a fortuna o conseguir uma vez cada três séculos.” (MONTAIGNE, 2002, p.275). E foi por esta amizade que Montaigne escreveu a bela passagem: “Se me pressionarem para dizer por que o amava, sinto que isso só pode ser expresso respondendo: “Porque era ele; porque era eu.”” (MONTAIGNE, 2002, p. 281).⁷

⁶ André de Gouvêa, humanista português naturalizado francês, reorganizador e conceituado diretor do colégio de Guyenne, onde privilegiou o estudo do latim. (N. da T. dos Ensaio, Livro I, 2002).

⁷ O cantor e compositor brasileiro Chico Buarque de Holanda inspirou-se nesta passagem de Montaigne para criar a música “Porque Era Ela, Porque Era Eu”.

Mas foi quando Montaigne retirou-se do cargo de conselheiro e decidiu “aposentar-se precocemente”, levando uma vida caseira e dedicada a estudos e reflexões, que nasceram os “Ensaíes”. Seu retiro, uma das principais decisões de sua vida, relaciona-se com a ideia até então simpática à Montaigne, de morrer bem. No entanto, esta decisão, estava também relacionada com “o ideal contemporâneo do ócio para o estudo”, como coloca Burke: “O retiro de Montaigne era uma evasão da sociedade, mas tratava-se de um modo de evasão que estava estruturado pela sociedade e refletia o ideal contemporâneo do ócio para o estudo.” (BURKE, 2006, p.14). Burke revela mais sobre estas ideias:

Para as elites da Europa renascentista, como para as da antiga Roma, a zona rural estava associada a tempo livre para instrução (*otium*), assim como a cidade estava associada aos negócios, no sentido de ocupações políticas (*negatium*). Uma inscrição na biblioteca de Montaigne, datada de 1571, a consagra à liberdade, à tranquilidade e ao ócio, e descreve seu proprietário como “bastante fatigado de servir à corte e aos negócios públicos”. Desse modo, Montaigne se situava numa longa e distinta tradição de rejeição da vida pública, e em particular da vida nas cortes dos príncipes expressada por muitos escritores antigos e modernos [...]. (MONTAIGNE, 2006, p.14).

Em seu retiro, é quando o fidalgo encontra tempo para estar em sua torre entregue a si e aos seus pensamentos, e através do estudo de suas *leçons* e de seus registros é que começa a sua carreira de escritor.

É curioso imaginar como na França do século XVI, em meio a guerras e perseguições, pode ter existido um homem assim, que optou pela busca da serenidade da alma⁸. Que desistiu da vida pública para viver uma vida privada. Ele pôde. Sua família adquiriu um bom patrimônio com o comércio, o que lhe proporcionou este privilégio de não precisar realizar um trabalho que fosse rentável, mas cuidando de suas terras e podendo se dedicar a si mesmo. Tentando ser sábio, ter uma conduta íntegra, mas, principalmente, buscando compreender a vida e o mundo dos humanos. Procurando pensar sobre as coisas e

⁸ “Montaigne escreveu em tempos de perseguições, e embora sob a coroa religiosa, conseguiu defender e perdurar uma tradição milenar e altamente suspeita por ser perigosa à religião: a filosofia.” (WEILER, 1961, p.6)

escrevê-las, considerando a escrita uma arte quase que sagrada, mas uma espécie de oração profana, pois é de si mesmo que irá tratar, num tipo de caminho do autoconhecimento através da escrita. Com sua pena escreve à mão os “Ensaio”. Parece-nos que o filósofo gostava muito deste exercício intelectual, e a ele se dedicou com entrega.

1.2 Inspirações filosóficas de Montaigne

Como dito na Introdução, Montaigne inspira-se em diversas filosofias da Antiguidade, como o estoicismo, o cinismo e o epicurismo. Por esta razão é que farei uma breve explanação sobre tais filosofias.

O estoicismo apresenta como máxima filosófica a ideia de que “o objetivo da vida é viver de acordo com a natureza”. Seu maior representante é Zenão de Cítio, que viveu de 332 a 265 a.C. Esta escola surgiu após a morte de Aristóteles. Segundo Zenão, o cosmos é governado por leis naturais estabelecidas por um legislador supremo (BUCKINGHAM et al., 2011). Para ele o homem é impotente para mudar estas leis, tendo que viver segundo as regras da natureza, desfrutando de seus benefícios e suportando sua crueldade, ideia esta compartilhada por Montaigne. No entanto, Zenão considera que o ser humano recebeu uma alma racional para exercer o livre arbítrio, podendo então fazer escolhas. Para viver de acordo com a natureza, o homem deve escolher pôr de lado as coisas sobre as quais não tem controle e tornar-se indiferente à dor e ao prazer.

Zenão estudou com um dos discípulos de Diógenes de Sínope (404-323 a.C.), o cínico, adotando elementos de sua filosofia. A palavra cínico vem do grego e *kyikos* e significa “parecido com cão”; Diógenes levava esse apelido por desprezar os hábitos sociais e de etiqueta, encarando uma vida de extrema pobreza e vivendo em um barril velho, procurando viver em um estado tão natural quanto possível, de acordo com os ritmos do mundo natural (BUCKINGHAM et al., 2011). A concepção de felicidade de Diógenes é a de que a pessoa mais feliz é a que se satisfaz com o mínimo.

Zenão utilizou-se de elementos da filosofia cínica de Diógenes, sendo menos radical que este; no entanto, não abandonou a ideia central de viver de acordo com a natureza, ideia esta tão apreciada por Montaigne.

O maior discípulo do estoicismo foi Sêneca, e embora o estoicismo tenha tido adeptos também na Grécia helenística, foi no Império Romano que adquiriu maior número de seguidores, tornando-se base para a ética pessoal e política romana, sendo então suplantando pelo cristianismo no século VI. (BUCKINGHAM et al., 2011).

Com o Renascimento, estas filosofias antigas ganharam novamente vigor, influenciando o pensamento de muitos, dentre eles Montaigne. Montaigne adota a concepção cínico-estoica de viver de acordo com a natureza; também adota concepções epicuristas, dentre elas a de ter como grande objetivo da vida a ataraxia, ou seja, a paz de espírito ou a tranquilidade da alma. Para Epicuro (341-270 a.C.) prazer e dor estão associados ao bem e mal respectivamente, e à ideia de bem a virtude, sendo pois, dentro de sua filosofia, impossível viver de maneira agradável sem viver de maneira sábia.

“Para Epicuro, o maior prazer só é alcançável por meio do conhecimento, da amizade e de uma vida moderada, livre do medo e da dor.” (BUCKINGHAM et al., 2011, p. 64). Segundo ele, um dos maiores obstáculos para se alcançar a tranquilidade da alma é o medo da morte.

As lições dos antigos ressoam nas ideias de Montaigne, inclusive nas pedagógicas, que encontra na filosofia antiga os melhores conselhos sobre esta difícil ciência de educar. Assim é que coloca a filosofia como a principal lição de seu aluno, pois de fato adota a filosofia para si como a arte que ensina a viver.

1.3 Montaigne e o Renascimento

Montaigne é um dos grandes representantes do movimento do Renascimento em França no século XVI, que como o próprio nome indica, foi um período no qual re-nasce na cultura europeia, tendo como berço a Itália, o interesse pela Antiguidade. Nas palavras do historiador André Corvisier: “E é este, com efeito, o sentido mais popularizado do termo Renascença: esse rejuvenescimento que pretende um retorno ao pensamento e às formas de expressão da Antiguidade.” (CORVISIER, 1983, p. 51).

Nesse período histórico, em transformações sociais, políticas e econômicas com relação à Idade Média, na qual o conhecimento humano ocupava-se especialmente com questões concernentes ao divino, resgatam-se leituras de clássicos da Grécia e Roma antigas e busca-se a sabedoria desses povos pagãos, como uma procura por um elo perdido do homem consigo mesmo. O ser humano volta-se para o próprio homem. Algo que reacende em pleno século XVI uma cultura espelhada e inspirada nos povos da Grécia e Roma antigas. Não como uma forma de imitar o passado, repetir o já vivido, mas como uma atualização dos valores e da sabedoria daquelas ricas culturas, que, mediante a própria crença renascente, foram considerados extemporâneos. A sabedoria antiga cruza mares de civilizações

humanas. Ela sobrevive, e pode ser conhecida e aplicada à vida, pois possui um valor inadulterável e extemporâneo para o espírito humano. Esta é a crença do Renascimento nos séculos XVI e XVII. Contudo, o Renascimento é uma novidade artística e filosófica, como nos diz Pessanha em seu ensaio “Humanismo e Pintura” (1994), é “[...] expressão de nova forma de vida, de pensamento, de criação artística – a partir de mudanças ocorridas na estrutura sócio-econômica europeia.” (PESSANHA, 1994, p. 21). E essa novidade cria um novo homem:

Esse homem novo julga e se julga pela utilização de uma nova escala de valores, que independe dos valores tradicionais e até às vezes os inverte. Afirma-se e valora no tempo presente e a partir desse tempo presente, independentemente de verdades supostamente perenes, intemporais. (PESSANHA, 1994, p.25).

Assim, emerge uma nova mentalidade, que possibilita o descolamento da razão em relação à fé. Obtém-se a liberdade para duvidar:

Liberdade para questionar o já pensado e afirmado como irremovível. Entende-se, portanto, que a dúvida – bem antes de Descartes – apareça como atitude intelectual básica para renascentistas como Campanella e Montaigne. [...] com esses pensadores da Renascença a dúvida aparece como recurso demolidor das pesadas construções teóricas tradicionais, como salutar forma para abrir espaço, dentro do habitual e do consentido, para o surgimento do novo. (PESSANHA, 1992, p.27)

O Humanismo é um movimento filosófico que ressurge na Renascença e Montaigne compartilha algumas de suas ideias e teses. Moreau comenta sobre uma das características fundamentais do humanismo: “O humanismo é um empreendimento de reforma intelectual e moral que se pode resumir em uma fórmula: a criação do mais alto tipo de humanidade.” (MOREAU, 1987, p.36). No entanto, o humanismo não foi um movimento homogêneo, como nos esclarece Burke:

Mesmo distintos entre si como eram (ou chegaram a ser), os humanistas coincidiram na admiração pela Antiguidade clássica, em sua crença de que a sabedoria dos antigos podia reconciliar-se com o

cristianismo em sua preocupação central com o homem. [...] Gostavam de citar uma frase grega de Protágoras (c. 485~c. 415 a.C.), a observação um tanto críptica de que “o homem é a medida de todas as coisas, das coisas que são enquanto são e das que não são enquanto não são.” (BURKE, 2006, p. 19).

O Humanismo do Renascimento é uma corrente filosófica que busca aprofundar-se na arquitetura do homem, que quer reencontrar-se com o bom e belo da Antiguidade. É um voltar-se à beleza dos tempos pagãos, saindo da mística da salvação espiritual medieva e voltando-se para a mística do progresso humano; é “[...] essa crença na história contínua da Humanidade, esse culto das aquisições sucessivas que fazem da história do passado a seiva viva do presente.” (MOREAU, 1987, p.36).

Itália e França, berço do Renascimento humano, berço de embriões científicos, artísticos, filosóficos e literários da modernidade. Libertação do homem para as investidas científicas, liberação do espírito para o autoconhecimento, para a interminável busca do “conhece-te a ti mesmo” do oráculo de Delfos. Nesse período, a vida intelectual cria novas condições:

Na segunda metade do século XV e no começo do XVI a vida intelectual reencontra condições favoráveis a renovação com o aparecimento do livro impresso, e paradoxalmente, com a esclerose das universidades, que convida os espíritos exigentes a procurar alhures um quadro de pesquisa melhor adaptado a suas necessidades intelectuais. (COVISIER, 1976, p.51).

Montaigne... Homem de seu tempo e espaço, personagem do Renascimento francês e do Humanismo, espírito inquieto e proseguidor, que conversa com as letras de todos os tempos. Francês, que teve uma educação baseada em princípios humanistas, que ao aprender a falar e ler em latim e não em francês gascão, chega ao conhecimento das grandes obras que os maiores poetas e sábios da humanidade produziram: Platão, Aristóteles, Heródoto, Plutarco, Sêneca, Cícero, Ovídio, Virgílio... Porém, “Como Sócrates, Cícero e os humanistas, acreditava que o estudo próprio da humanidade é o homem: a condição humana, não o universo físico.” (BURKE, 2006, p.21).

Eis que despontam os escritos de Michel, e que darão vida aos “Ensaaios”. É com muita elegância e beleza que Michel de Montaigne escreve os que vieram a ser considerados os primeiros ensaios, a partir de uma conceituação moderna acerca da matéria e do modelo seguido desde então – Montaigne inaugura este gênero literário com uma única e grande obra: *les “Essais”*.

Capítulo 2

A escrita e os ensaios de Michel de Montaigne

A palavra ensaio suscita sentidos diversos. Em um simples dicionário da língua portuguesa é definida como experiência, prova, tentativa. Podemos entendê-la como uma preparação artística para uma apresentação teatral, coreográfica ou musical; podemos pensar nos ensaios científicos, ou seja, experimentações e tentativas para a obtenção de resultados que contribuirão para a elaboração do conhecimento científico. É também um gênero literário dentre as muitas formas de escrita. Um jeito especial de compor uma prosa. Porém, um estilo que teve um início, ou melhor, um criador, uma primeira pessoa que escreveu um ensaio literário e assim o batizou. Esse alguém se chama Michel de Montaigne.

Numa abordagem didática, o ensaio pertence ao gênero da prosa, e que se caracteriza de acordo com o assunto que trata, podendo ser de cunho literário, filosófico, antropológico, sociológico, etc. (MOISÉS, 2004). Massaud Moisés relata algumas características do ensaio:

Breve no geral, o ensaio contém a discussão livre, pessoal, de um assunto qualquer. O ensaísta não busca provar ou justificar as suas ideias, nem se preocupa com lastreá-las eruditivamente, nem, menos ainda, esgotar o tema escolhido; preocupa-o, fundamentalmente, desenvolver por escrito um raciocínio, uma intuição, a fim de verificar-lhe o possível acerto: redige como a busca ver, na concretização verbal, em que medida é defensável o seu entendimento do problema em foco. (MOISÉS, 2004, p.177).

Dentro desta concepção de ensaio como a concretização do pensamento através da escrita, é importante ressaltar estas outras características apresentadas por Moisés:

Para saber se o pensamento que lhe habita a mente é original, estrutura o texto em que ele se mostra autêntico ou disparatado: escrevendo a pensar, ou pensando a escrever, o ensaísta só pode avaliar a ideia que lhe povoa a inteligência no próprio ato de escrever. Escreve para divisar melhor o que pensa e saber se pensa corretamente. Daí que o ensaio se constitua num exercício ou manifestação

de humildade, e faça da brevidade e da clareza de estilo os seus esteios máximos: o ensaísta conhece por experiência as limitações do saber humano e que os torneios frásicos absconsos, o vocabulário especioso e bizantino, os neologismos forçados, etc., não raro escondem o vazio intelectual. (MOISÉS, 2004, p.177).

Entre a arte e a filosofia é que se dá a elegante escrita de Montaigne. Não tão artista, e não tão filósofo, o rapaz⁹ passeia entre as ideias, fluindo através de imagens, aprofundando em pensamentos: algo menos rigoroso que um sistema ou um tratado filosófico, com a leveza de uma prosa filosófico-poética. É a arte da conversação que ele exercita em seus ensaios, com um toque de galanteio, comportamento presente entre os franceses e outros povos de seu tempo. No transformar esta arte da conversa em escrita é que está a autenticidade do escritor. Moisés coloca:

[...] o ensaio oferece antes de tudo uma sensação de beleza, posto que beleza da forma: o ensaísta é por definição o bom escritor. Em segundo plano se coloca a fruição das ideias expostas: o ensaísta procura menos persuadir que comover, ou seja, estabelecer um diálogo íntimo com o leitor, de modo que os dois “eus”, em franca comunicação, possam trocar ideias e aperfeiçoar-se mutuamente. (MOISÉS, 2004, p.177).

O que move o pensamento de Montaigne para a criação deste gênero literário parece-nos que é, principalmente, sua vontade de liberdade e de independência, sua vontade de comunicar-se e pintar-se e sua vontade de autenticidade e simplicidade, como coloca:

Quero ser como sou em quaisquer circunstâncias e não apenas no papel. Empreguei toda a minha arte e meu engenho em melhorar. Não estudei com o objetivo de aprender a escrever e sim de me conhecer. Todos os meus esforços visaram a vida e pouco me incomodei com criar uma obra literária. (MONTAIGNE, 1962, p. 446).

⁹ Ao que indica Pierre Villey (MONTAIGNE, 2002, p.LXI), Montaigne começou a escrever os “Ensaíos” aos 38 anos de idade.

Montaigne persegue uma forma diferenciada de comunicar-se, como anuncia:

O falar que aprecio é um falar simples e natural, tanto no papel como na boca; um falar suculento e musculoso, breve e denso, não tanto delicado e bem arrumado como veemente e brusco: *Haec demum sapient dictio, quae feriet*¹⁰, antes difícil que tedioso, livre de afetação, desordenado, descosido e ousado: cada trecho forme seu corpo próprio, não pedantesco, não fradesco, não rabulesco mas antes soldadesco [...]. (MONTAIGNE, 2002, p. 256).

A busca pelo falar e escrever de forma simples e natural almejada por Montaigne é algo que merece nossa atenção, como nos alerta Burke:

O elogio que Montaigne faz da simplicidade e do escrever como se fala não é tão fácil de interpretar como pode parecer. Ele se opunha às extravagâncias retóricas, mas não se opunha à retórica. Não rejeitava todos os modelos clássicos literários junto com Cícero, e menos ainda rejeitava os modelos literários em seu conjunto. Ao elogiar um *parler suculent et nerveux, court et serre*, seguia, na realidade, um modelo literário, e repetia a recomendação de Erasmo de um “estilo grave, conciso e vigoroso” (*dicendi genus solidius, astrictus, nervosius*). Havia mais que um modelo clássico que podia ser seguido. “Minha inclinação”, confessava Montaigne, “me leva mais à imitação da linguagem de Sêneca” (2.17). Não se tratava só de inclinação puramente pessoal. Na segunda metade do século XVI, Sêneca tornou-se moda como estilista, exatamente como se tornara moda como moralista. A chamada “marchadura senequiana”, a construção relativamente descuidada e informal de suas frases, atraiu Muret, Lipsius, além de Montaigne. (BURKE, 2006, p. 84-85).

A maneira descuidada de compor as frases e o estilo vulgar eram ambos favoráveis à forma da escrita de Montaigne, que fazia uso

¹⁰ “A expressão será boa se ferir” (Epitáfio de Lucano).

da justaposição de ideias e da suspensão do juízo (BURKE, 2006, p. 85).

Outra vantagem do estilo vulgar é que um coloquialismo bem empregado é um instrumento adequado para uma das atividades literárias favoritas de Montaigne, a de rebaixar as potencialidades humanas. (BURKE,2006, p. 86).

Finalmente, Montaigne encontra a sua maneira de expressão: o ensaio. Será através deste gênero que nosso autor irá dar vazão às suas ideias e opiniões, como Burke nos coloca acertadamente:

O ensaio, em seu sentido pessoal, era um sapato sob medida para o pé de Montaigne, um gênero que o levaria a falar sobre si mesmo, a questionar o que os outros tomavam por garantido sem comprometer-se com nenhuma solução, e a fazer digressões. A digressão era um artifício retórico típico, mas não nessa escala. Seu livro é em muitos aspectos extraordinariamente aberto, franco e direto, e nos fala através dos séculos como poucos livros do século XVI o fazem. (BURKE, 2006, p. 88).

Os ensaios possuem uma atmosfera descontraída, como também um descompromisso com a totalidade, como tão bem coloca Adorno¹¹:

Felicidade e jogo lhe são essenciais. Ele não começa com Adão e Eva, mas com aquilo sobre o que deseja falar; diz o que a respeito lhe ocorre e termina onde sente ter chegado ao fim, não onde nada mais resta a dizer: ocupa, desse modo, um lugar entre os despropósitos. (ADORNO, 2003, p. 17).

É com esse envolvente espírito que Montaigne nos captura para a leitura de seus 157 ensaios, escritos em sua torre ao longo de vinte anos, e publicados na França do século XVI. Nasceram *les "Essais"*.

2.1 A produção dos “Ensaiois”

Se podemos conhecer Michel de Montaigne ao ler seus “Ensaiois”, nos quais apreciamos sua pintura do “Eu”, é importante percebermos que essa pintura apresenta nuances variadas por entre os

¹¹ “O ensaio como forma” em Notas de Literatura I.

escritos, e uma “evolução”, como nos coloca Pierre Villey em “A vida e a obra de Montaigne” (MONTAIGNE, 2002, p.LXI).

Villey escreve sobre Montaigne na produção dos “Ensaaios”:

Convém lembrar que ele já está com 38 anos. Vai buscar a si mesmo e encontrar-se para se mostrar em seu livro; e as etapas dessa busca são as etapas da evolução dos “Ensaaios”. Ao buscar a nós mesmos sem dúvida nos damos forma, nos definimos, nos aperfeiçoamos, não nos transformamos. (VILLEY, 2002, p.LXI).

Pierre Villey identifica três grupos de capítulos. O primeiro grupo de capítulos ocupa a maior parte do livro primeiro, e datam de 1572. Neste primeiro grupo, pouca ou quase nenhuma personalidade é expressa. Seu mestre é então Sêneca, e há influências filosóficas tanto do estoicismo como do epicurismo. Assemelham-se às “Lições”, que eram coletâneas de citações diversas muito apreciadas na Europa. Porém, como nos revela Villey,

Se Montaigne tivesse composto apenas esse primeiro grupo de capítulos, se os tivesse publicado em 1572 e se limitado a isso, mal o conheceríamos e ele não teria em absoluto criado um gênero novo em nossa literatura. (VILLEY, 2002, p. LXIII).

Mas Montaigne parece ter gostado de escrever, bem como se aprimorado em seus escritos, e então aparece um segundo grupo de capítulos, que de acordo com Villey, é provável terem sido escritos entre 1572 e 1574. É nesses ensaios de um segundo momento, os quais fazem “[...] uma espécie de transição e que nos levará aos ensaios mais originais.” (VILLEY, 2002, p.LXIV), que podemos perceber duas grandes influências filosóficas, Plutarco e Sexto Empírico. É nessa fase que Montaigne adquire uma concepção de sabedoria mais leve, menos rigorosa, “[...] muito mais humana e flexível, muito mais adequada à sua natureza descuidada e à sua condição de homem do mundo [...]” (VILLEY, 2002, p.LXIV). Este segundo grupo, é também a fase do ceticismo de Montaigne, de sua crise pirrônica, e também quando manda gravar uma medalha com a frase de Pirro de Élis (360 a 270 a.C.) “Que sei eu?”. Montaigne também fez escrever nas vigas de sua

biblioteca frases de Sexto Empírico, autor das “*Hypotyposes*”¹², são as frases “não há nada certo exceto a incerteza” e “suspendo o juízo”. Burke (2006) coloca que Sexto argumenta a favor do ceticismo, apresentando como um de seus principais argumentos a falibilidade de nossos sentidos. Outro argumento é o da diversidade dos juízos e costumes humanos, forte argumento contra o etnocentrismo corrente.

Há, sem dúvida, diversas interpretações dos “Ensaio”, e amplamente discutidas. Diversos estudos e núcleos de pesquisas investigaram e investigam os escritos e ideias de Montaigne ao redor do mundo, apresentando diferentes interpretações dos seus ensaios. Alguns críticos interpretaram-no como um cético, outros como um hedonista, e outros como um estóico. No entanto, é difícil classificar o filósofo definitivamente como cético, hedonista ou estóico; é preciso considerar a diversidade dos ensaios, como sugere Villey:

[...] cada qual, segundo suas tendências íntimas, escolheu tal ou qual aspecto passageiro da obra, e construiu um sistema ao redor das fórmulas que o tinham impressionado. Se, porém, em lugar de uma doutrina se procurar nos “Ensaio” a história de um pensamento que se decantou dia a dia durante vinte anos, que se libertou progressivamente ao choque das leituras e dos acontecimentos, talvez se torne possível conciliar essas interpretações variadas. (VILLEY, 1962, p. 91).

Quanto ao ceticismo presente em Montaigne, talvez seja mais prudente o considerarmos simplesmente como uma atitude ou uma posição de um pensador que se serviu da dúvida em oposição ao dogmatismo de seu tempo (VILLEY, 2002). Burke faz a ligação entre Sexto e Sócrates: “A posição de Sexto é uma elaboração da de Sócrates, de quem se dizia que havia declarado que nada sabia exceto que nada

¹² Sexto, que viveu por volta de 200 d.C., foi o autor das *Hypotyposes* ou “esboços” do ceticismo, uma introdução ao tema que sobreviveu enquanto se perderam os escritos do filósofo nos quais ele se baseou (tais como os de Pirro de Élis, devido a quem o ceticismo é frequentemente chamado de “pirronismo”). (BURKE, 2006, p. 27).

sabia.” (BURKE, 2006, p. 28). Assim sendo, a posição cética pode ser encontrada em diversos pensadores, sem, contudo, os considerarmos céticos. Burke afirma sobre o ceticismo de Montaigne:

Até que ponto Montaigne leva a sério seus argumentos céticos? A resposta está longe de ser clara. Não podemos saber se ele sofreu uma “crise” pessoal ou apenas utilizou a dúvida como artifício retórico, embora a recorrência a temas céticos nos ensaios faça a primeira conclusão parecer mais provável. É difícil, em todo caso, considerar tais questões epistemológicas por muito tempo sem experimentar uma forte e desagradável sensação de vertigem intelectual. Tampouco podemos saber se Montaigne se opôs à razão ou simplesmente ao dogmatismo. (BURKE, 2006, p. 31).

É característica do ensaio enquanto forma literária permitir-se a dúvida; Adorno refere-se a esta característica:

[...] o ensaio não almeja uma construção fechada, dedutiva ou indutiva. Ele se revolta sobretudo contra a doutrina, arraigada desde Platão, segundo a qual o mutável e o efêmero não seriam dignos da filosofia; revolta-se contra essa antiga injustiça cometida contra o transitório, pela qual este é novamente condenado no conceito. O ensaio recua, assustado, diante da violência do dogma [...]. (ADORNO, 2003, p. 25).

Nosso filósofo, através de suas leituras, reflexões e escrituras, parece, então, ter alcançado sua autenticidade: é quando descobre-se capaz de uma verdadeira autoria, de realizar sua pintura do “Eu” nos “Ensaio”, e eis que surge um terceiro grupo de ensaios, datados dos anos 1578 a 1580. É entre este terceiro grupo que encontramos o ensaio “Da educação das crianças”, escrito entre a segunda metade de 1579 e início de 1580. Starobinski retrata bem o projeto de comunicação de Montaigne no seguinte trecho: “A empresa de Montaigne, começada na esperança de alcançar o repouso da alma, sem jamais esquecer esse primeiro designo, terminará em obra-prima literária.” (STAROBINSKI, 1992, p.36).

A partir de 1580, Montaigne irá apenas reler e enriquecer seus ensaios, levando-os à Paris em 1588 para o grande impressor parisiense Abel Langelier, que irá publicar a quinta edição dos “Ensaio”.

Em sua obra publicada, tal como conhecemos hoje, o autor discorre sobre os mais variados assuntos, como o título de cada ensaio pode sugerir (mas que nem sempre será o tema unicamente tratado nos ensaios): “Da tristeza”¹³, “Do medo”¹⁴, “Da solidão”¹⁵, “Dos cheiros”¹⁶, “Do exercício”¹⁷, “Da experiência”¹⁸, e até mesmo, “Da educação das crianças”¹⁹.

Uma grande viagem pelo mundo das ideias e das experiências, é este o exercício do juízo de Montaigne, que coloca em palavras os seus mais sutis pensamentos. Nada tão delimitado, onde as teias das ideias perpassam por entre todos eles, e que à vontade do escrever pinta, imagina, cita, descreve, exemplifica, rememora, pensa e ajuíza. É ele um habilidoso ensaísta, o qual considera o próprio exercício da razão humana.

É com tamanha liberdade que Montaigne aplica sua pena sobre os papéis em branco; os “Ensaaios” são obra de um livre pensador. Livre porque não se prende a escolas e correntes filosóficas, nem a dogmas religiosos ou partidos políticos, livre porque se desprende de sistemas, métodos e instituições, livre porque ousa escrever sobre si e suas ideias, como confessa:

Minhas ideias são o que as fez a natureza. Para formá-las procurei não seguir nenhuma regra [...]. A que doutrina se ligam? Só o soube depois de as expor e julgar do resultado: pertenço a uma nova espécie, sou um filósofo que se tornou filósofo por acaso e sem premeditação. (MONTAIGNE, 1962, p. 265).

Liberdade é uma ideia recorrente nos escritos de Montaigne, a qual considera uma conquista fundamental para o homem, como declara nas passagens: “A coisa mais importante do mundo é saber pertencermos.” (MONTAIGNE, 2002, p.285), e “Cumpre zelar pela liberdade de nossa alma e não a comprometer senão em circunstâncias excepcionais, as quais são poucas.” (MONTAIGNE, 1961, p. 279).

¹³ Montaigne. *Ensaaios*, vol. I, cap. II, 2002.

¹⁴ I, XVIII, Idem.

¹⁵ I, XXXIX, Idem.

¹⁶ I, LV, Idem.

¹⁷ II, VI, 1962.

¹⁸ III, XIII, 1961.

¹⁹ I, XXVI, 2002.

Montaigne é leve e profundo ao mesmo tempo. Não pretende enunciar máximas e construir axiomas, não objetiva escrever um tratado nem um sistema filosófico; sem, contudo, deixar de pensar nas grandes – e pequenas! – questões da humanidade. Moreau continua: “Faz questão de não se apresentar como um escritor que ensina.” (MOREAU, 1987, p.25). Montaigne não ambiciona a estreia de um espetáculo: ele se contenta com um ensaio, até mesmo prefere-o, prefere a liberdade de apenas tentar, e com tal liberdade de expressão, encontra a sua maneira de filosofar: “Pois é sabido que, antes de Montaigne, a palavra *essai* era empregada no sentido de tentativa ou prova, e que, após Montaigne, *essai* veio denotar também uma maneira de filosofar.” (VASCONCELOS, 2002, p.XIV).

O autor inaugura um estilo literário de filosofar, mais pessoal, subjetivo, e até mesmo artístico – ele se diverte com as palavras, os pensamentos, as imagens; é um homem inteligente e sensível que compõe seus sedutores escritos com muita elegância. Diversos autores comentaram sobre a escrita de Montaigne, como Montesquieu que o denominou de “poeta da filosofia” entre os quatro grandes poetas, colocando-o ao lado de Platão, Malebranche e Shaftsbury. (MOREAU, 1987, p.85). Voltaire recrutou-o para o exército dos que assediam “l’Infame” (MOREAU, 1987, p.85).²⁰ Já Friedrich Nietzsche, em “Schopenhauer Educador”, elogia Montaigne como escritor, nas seguintes palavras:

Só conheço um escritor que coloco na mesma condição de Schopenhauer e até mesmo em grau superior, por sua probidade: é Montaigne. Pelo fato de que tal homem escreveu, temos na verdade maior prazer em viver na terra. De minha parte, pelo menos, desde que descobri essa alma, a mais livre e vigorosa que já houve, só posso repetir o que Plutarco disse: “Por pouco que me aproxime dele, já me sinto totalmente envolvido por ele.” A seu partido é que me inscreveria se o dever me

²⁰ Escreveu sobre Montaigne os seguintes versos:

“Montaigne, esse autor encantador,
ora profundo, ora frívolo,
de tudo duvidava impunemente,
e zombava mui livremente
dos estúpidos tagarelas da Escola.” (in MOREAU, 1987, p.85).

obrigasse a escolher uma pátria na terra.
(NIETZSCHE, 2008, p. 27-28).

Sérgio Milliet escreve sobre esse novo estilo de Montaigne no prefácio aos “Ensaaios”, no livro I de 1987:

Há mais, porém, há a língua em que escreve a sua mensagem, nova, saborosa, maleável, rica, ousada até “o desdém pela sintaxe” de seu tempo, como muito bem observa Compayré. Uma língua que permanece viva e eficiente apesar da idade. E há esse estilo inconfundível do bom conversador, tão pessoal, tão atraente, que só encontra paralelo no de Proust, na moderna literatura francesa. (MILLIET, 1987, p. XI).

Os escritos de Michel de Montaigne se situam entre a literatura e a filosofia, entre a arte e a ciência, tão ampla é a investigação que empreende sobre a natureza humana e a variedade de ensaios que compõe. Montaigne investiga a natureza humana, tenta captar sentidos, colocá-la em cena, desnudá-la, revelar a sua indefinição; ao mesmo tempo, pensa sobre os costumes humanos e as diferentes culturas em que este vive, chegando mesmo a declarar que diante das diferentes formas de viver dos seres humanos, melhor mesmo é aquela na qual cada um nasce. Ele navega pelas águas desconhecidas da natureza humana, que desemboca no mar da majestosa mãe natureza (*mere nature*).

A natureza é um conceito de amplitude e controvérsias desde a antiguidade até os dias de Montaigne, que expressa suas ideias solicitando-o por muitas vezes, e com diversificados sentidos, ora como força motriz do universo, ora como o ser das coisas existentes, ora como lei que rege o cosmos. Parece até que por vezes as concepções de natureza e Deus se confundem, tal é a soberania que o filósofo atribui à natureza, escrevendo que nela é que devemos nos orientar. Outro fator a ser considerado, é que Montaigne compreende a cultura como parte da natureza humana, ou seja, as diferentes formas de viver do homem, seus hábitos e costumes, diversidade étnica, social, política, religiosa, moral e econômica, constituem o que pode ser considerado parte da natureza deste ser, ou uma segunda natureza, como revela:

A natureza exige muito pouco para nossa conservação, tão pouco que foge aos golpes possíveis da má sorte. Entretanto, permitamo-nos algo mais e chamemos natureza aos costumes e

situação pessoal e fixemos assim os limites de nossas aspirações, levando em conta o que já possuímos. Parece-me desculpável agir desse modo, pois os costumes são uma segunda natureza, tão poderosa quanto a primeira. Se vem a faltar aquilo a que estou acostumado, sinto-o profundamente. (MONTAIGNE, 1961, p. 282-283).

Para Montaigne, criar artificios é da natureza humana. Todas as bizarrices podem ser desculpáveis e talvez consideradas naturais, vindas de um ser de natureza tão diversa e desconhecida. Voltaremos a investigar o conceito de natureza no capítulo 3.

Montaigne não propõe novas formas de governo ou revoluções, e neste ponto pode ser até mesmo considerado conservador. Ele não acredita que existam governos melhores, e que os danos causados por uma tentativa de mudança política ou religiosa não compensa os resultados, como revela no seguinte trecho:

Os que tentam corrigir os costumes de nossa época, com as ideias em voga, só corrigem a aparência viciada das coisas, mas não o fundo delas, o qual talvez se agrave ainda. E acho a agravação possível, porque é fácil aceitar alguém as reformas exteriores e arbitrárias, menos custosas e de vantagens mais tangíveis, que as interiores, satisfazendo assim os vícios essenciais sem maiores riscos. (MONTAIGNE, 1961, p. 147).

Nosso autor fala por diversas vezes sobre política, leis e religiões, mas demonstra estar interessado em primeiro lugar na sua vida pessoal. Ele preza por sua liberdade e individualidade, e acredita que é possível ao ser humano ter uma vida guiada pela sabedoria e bem vivida.

Não nos enganemos a respeito da escrita de Montaigne, embora o escritor adote uma perspectiva filosófica e literária, também encontramos nos “Ensaio” investigações psicológicas, etnográficas e históricas; enfim, se algo pode ser afirmado sobre a natureza dos ensaios, este algo é a variedade, pois como o próprio autor julga, esta é uma qualidade universal:

A variedade é, efetivamente, normal na natureza, e observa-se mais ainda nos espíritos mais suscetíveis de transformações do que nos corpos.

Nunca houve no mundo duas opiniões idênticas, como não há dois pelos nem dois grãos de cereal. A qualidade mais universal e comum é a diversidade. (MONTAIGNE, 1962, p. 448).

Capítulo 3

Filosofia de Montaigne e a ideia de Formação Humana

A multifacetada escrita de Michel de Montaigne devaneia sobre assuntos diversos. Mas a sua preocupação central é o homem, e a investigação que empreende adentra as veredas do conhecimento deste ser, suas ações, possibilidades, limites, hábitos, costumes, pensamentos, natureza. O pensador investe na escrita, e com sua disposição para a prosa, que busca assemelhar-se ao máximo com a conversação, Montaigne inscreve as suas ideias.

Tal como filósofo, nosso autor divaga e escreve suas ideias. A nós, interessa o que pensou e escreveu sobre a formação humana, vinculando-a as ideias sobre a educação das crianças. Embora sua filosofia da educação seja apresentada em um ensaio, relativamente breve em comparação com o todo da obra, resvalamos em diversos momentos nos “Ensaio” com ideias sobre a formação do homem, sendo assim, buscaremos tecer, a partir de seus escritos, possibilidades para pensarmos o conceito de formação humana.

3.1 Movimento e Natureza

São os ensaios essa nova escrita de Montaigne, situada entre a arte, a ciência e a filosofia. E tal como Montaigne cria, ensaiar é dar asas, é permitir que o pensamento se materialize na escrita. É desenhar no papel em branco o caleidoscópio das ideias. É com tamanha liberdade que ele ensaia também sobre a educação das crianças. Aventura-se pelas veredas do pensar sobre a formação de um homem, seus princípios, meios e fins. Produz uma filosofia da educação diluída em um ensaio, concentrada em um ensaio.

Escritor, o pensador francês tinha uma forma especial de expor suas ideias: fluida e profunda. Também rasa, quando lhe convinha o movimento, o que vale observar é a mobilidade das ideias de Montaigne na composição dos “Ensaio”. O filósofo está a exercitar o jogo da retórica, e ao mesmo tempo em que está buscando sentidos e verdades, está atento para a elegância e a arte na construção dos seus ensaios. Jean Starobinski, autor de um dos estudos mais expressivos sobre Montaigne nos últimos tempos, “Montaigne em Movimento” (1992), destaca “o movimento” de Montaigne, afirmando sobre o caráter deste movimento:

Tal é, em definitivo, a imagem perfeita da mudança: esta já nem sequer é um fluxo contínuo e flexível, revela-se a nós como uma descontinuidade infinitamente rápida, na qual

cada instante inaugura um novo eu que suplanta o precedente. (STAROBINSKI, 1992, p.88).

O movimento que Montaigne empreende, segundo Starobinski, é o movimento da busca do ser por entre o parecer; Montaigne inicia-se na busca pela essência, mas só encontra a realização desta na aparência, e assim, decide cada vez mais, pintar-se e tornar-se sua própria obra de arte através do devir das palavras em seus escritos e da constante mudança do eu, sempre em movimento. Parte da aparência em busca pela essência, e ao deparar-se apenas com aparências e em nenhum momento com essências puras, Montaigne aceita a aparência para ressignificar e redimensionar sua própria vida.

Montaigne concretiza a sua produção filosófica através de seus escritos, e a partir deste elemento, seus “Ensaaios”, através do qual podemos conhecer a ele e aos seus pensamentos. No entanto, é difícil conceber a ideia de uma filosofia montaigniana; o nosso filósofo não criou um sistema filosófico para explicar as coisas; não escreveu um tratado filosófico; não foi integrante de uma escola filosófica; não defendeu uma corrente de pensamento específica. Ele escreveu suas divagações. Foi um homem que na solidão e silêncio de sua torre, que era seu escritório e biblioteca, pensava, lia e escrevia. E ele gostava disso; ao lermos seus ensaios fica perceptível o prazer que sentia em escrevê-los. E vemos mais: como o ato de escrever era visceral para Montaigne; era seu vinho e sua saúde, seu vício e sua virtude. Ele se colocou por inteiro em sua pintura do “Eu”, como bem denominou Pierre Villey em “Os Ensaaios de Montaigne” (VILLEY, 1961, p. 37): “Eis que um belo dia Montaigne vem a declarar: meu livro não é um livro, é apenas o retrato de mim mesmo. Não faço senão contar-me.” (VILLEY, 1961, p. 37).

Montaigne escreveu seus ensaios “[...] com os olhos voltados, ao mesmo tempo, para a beleza da expressão literária e a beleza da verdade que exprime.” (MOISÉS, 2004, p.177). Era um sonhador, um viajante, um bom leitor escriturante. Parece-nos que ele tinha uma espécie de fé na escrita, um elo sagrado com a pena e com ela passou bons momentos de sua vida. Ele escreve como um menino que gosta de escrever, como bem coloca Adorno em “O ensaio como forma”, ao falar desta característica pueril de um ensaísta:

O ensaio, porém, não admite que seu âmbito de competência lhe seja prescrito. Em vez de alcançar algo cientificamente ou criar artisticamente alguma coisa, seus esforços ainda

espelham a disponibilidade de quem, como uma criança, não tem vergonha de se entusiasmar com o que os outros já fizeram. O ensaio reflete o que é amado e odiado [...]. (ADORNO, 2003, p.16).

E, talvez, por este entusiasmo, toda a sedução de suas palavras. Montaigne desperta o desejo pela leitura de seus escritos, e nos conduz com prazer em sua boa companhia.

Com o espírito do conversador, do proseador, ele vai compartilhando as suas ideias mais diversas, ideias encharcadas de sensações, odores, imaginações, ritmos, movimento. A leitura dos “Ensaio” pode até mesmo assemelhar-se a um passeio com um amigo, aquele amigo com quem você gosta de filosofar, no sentido mesmo de divagar, trocar ideias, conversar sobre as coisas mais diversas da vida. E este amigo não é partidário político. Não defende revoluções. Não prega religiões. O que defende é a vida e a liberdade. Sua posição religiosa, apesar de ser católico por tradição, parece-nos mais com uma teologia natural, uma concepção de Deus vinculado à natureza, e esta como uma força motriz da própria existência das coisas.

Como humanista, está constantemente preocupado com o ser humano, com as ações humanas, tomando a si mesmo como centro de investigação e de formação. Para nosso autor, o homem é um ser em formação, e só através da experiência formativa pode atingir o seu fim, que é tornar-se mais sábio e melhor. Viver é a possibilidade de autoformar-se, de melhorar-se. E por ser o homem de natureza desconhecida, é, portanto, sensato empreender-se na busca pelo conhecimento de si e de sua natureza.

Partir em busca do conhecimento da natureza humana implica uma investigação sobre o próprio conceito de natureza. Deparamos-nos então com um grande problema filosófico de todos os tempos: o problema da natureza. Afinal, o que é natureza? O que é natural? Qual a concepção de natureza empregada por Montaigne?

Montaigne defende a primazia da natureza, sua sabedoria, chama-a de mãe natureza (*mère nature*), e lhe atribui total majestade. Natureza é um conceito essencial nos “Ensaio” de Montaigne, tendo implicações diretas sobre a ideia de formação humana do autor, e por tal razão é necessário traçarmos uma noção dos sentidos em que Montaigne emprega o termo.

O autor diz no ensaio “Da experiência” do livro III: “Eu, por mim, como já o disse alhures, adotei o preceito antigo de que sempre acertaremos seguindo a natureza, e entendo que submeter-se a ela é

regra soberana.” (MONTAIGNE, 1961, p. 318). No entanto, seguir a natureza não é tarefa nada fácil:

A natureza é um guia amável, mas no qual a prudência e a justiça superam a doçura [...]. Ando continuamente à sua procura, mas a pista perde-se por vezes em meio às intervenções da arte, eis por que o soberano bem acadêmico e peripatético “de viver segundo a natureza” é difícil de se delimitar e aplicar. O mesmo acontece com o que propugnam os estóicos: “consentir no que ela pede.” (MONTAIGNE, 1961, p. 357).

Muitos conceitos de natureza foram definidos e utilizados ao longo do tempo, e bem sabemos que Montaigne se inspira nos antigos gregos e romanos para compor a(s) sua(s) ideia(s) sobre a natureza, bem como as novas significações que o conceito adquire em seu tempo, muito embora não a enuncie expressamente em nenhum momento. Celso Martins Azar Filho²¹ pontua o problema que o conceito de natureza atravessava no tempo de Montaigne, da seguinte maneira:

No século de Montaigne longe estamos da natureza mecânica, à disposição do homem do século XVII; aqui, natureza é uma designação extensa e vaga, cujo peso moral torna ainda mais abstrata. E precisamente seu conteúdo moral, investimento de motivos profundos e obscuros, está – em virtude da progressiva falência dos avatares teóricos tradicionais – em mutação, oferecendo de si uma imagem muito pouco estável. (AZAR, 1996, p.53).

A palavra natureza atravessa os três livros dos “Ensaio”, tecendo a rede do texto de Montaigne; no entanto, e como é próprio do gênero ensaístico, o autor não define a ideia de natureza conceitualmente em um enunciado, mas utiliza-a diversas vezes em sentidos múltiplos. Mas, quando Montaigne fala “em seguir a natureza”, o que ele quer dizer? Azar Filho ajuda-nos a elucidar os sentidos de natureza adotados por Montaigne:

A natureza nos Ensaio é o princípio de criação, movimento e diversificação, tanto do desenvolvimento dos seres singulares, como da economia do todo. Como tal, a natura

²¹ Em “Natureza e lei natural nos Ensaio de Montaigne.”

montaigniana, traduzindo muito bem a noção grega de *physis*, força que gera e sustém, não se opõe ao “espírito” ou à história que são, antes, compreendidos sob seu domínio. Contudo não está aí em questão a ideia de uma natureza que procedesse uniformemente, acionando sempre o mesmo efeito para cada causa [...], mas de uma *natura creatrix*, variável, mutante e inventiva, que sobrepassa qualquer enquadramento teórico. No devir natural, o conhecimento humano e seus objetos e sujeitos, originados e nutridos pela mesma fonte, são (como todo o resto) arrastados pela mesma corrente natural de infinitas possibilidades de metamorfose [...].

As imagens do fluxo, movimento e mutação da realidade multiplicam-se no texto montaigniano: o escoar incessante do devir universal é uma experiência fundamental para a filosofia ensaística. (AZAR, 1992, p. 54).

O preceito antigo de seguir a natureza está longe de ser simples para Montaigne, afinal, embora cite a natureza inúmeras vezes ao longo dos “Ensaaios”, não a coloca como algo conhecido, mas justamente como indecifrável pela razão humana, justamente porque a falsificamos e sufocamos com a nossa arte, como podemos lê-lo:

Não é razoável que a arte ganhe ponto de honra sobre nossa grande e poderosa mãe natureza. Tanto sobrecarregamos com nossas invenções a beleza e a riqueza de suas obras que a sufocamos totalmente. No entanto, por toda parte em que sua pureza reluz, ela causa extrema vergonha a nossos vãos e frívolos empreendimentos, “*Et veniunt ederae sponte sua melius, Surgit et in solis formosior arbutus antris, et volucres nulla dulcius arte canunt*”²². (MONTAIGNE, 2002, p. 308).

Para que o homem possa seguir a natureza é preciso que observe os animais: “Hoje, quem quiser redescobri-la terá de apelar para o exemplo dos animais, nos quais ela permaneceu inacessível à corrupção e à versatilidade das opiniões.” (MONTAIGNE, 1961, p.

²² “A hera brota melhor sem cultivo, e o medronheiro nunca cresce mais belo do que nos recantos solitários, e o canto dos pássaros, por não ter arte, não é menos doce. (Propércio, I, II, 10.)

311); ou talvez, redescobri-la nas crianças, que como coloca, “[...] com toda a simplicidade seguem a natureza [...]” (MONTAIGNE, 2002, p. 350). Montaigne denuncia a fraqueza humana, ao apontar o quão distante está da natureza e o quão enganado se encontra pela ciência:

Os ensinamentos com que nos encoraja a ciência são, em geral, mais aparentes do que eficientes; ornem mais do que frutificam. Abandonamos a natureza e queremos dar-lhe lições, a ela que tão seguramente nos conduzia. Entretanto, os vestígios de sua orientação, o pouco que resta de seus exemplos nos rústicos, são coisas que a ciência se vê forçada a solicitar-lhe a fim de fornecer a seus discípulos exemplos de constância, de pureza e de tranquilidade. Estranhamos ver seus adeptos imitarem essa tola simplicidade quando querem por em prática os mais elementares princípios da virtude; e constatar que nossa sabedoria precisa aprender com os próprios animais as lições indispensáveis aos atos mais graves e importantes da existência: como viver e morrer, poupar nossas forças, amar e educar os filhos, praticar a justiça. Singular testemunho da fraqueza humana! A razão que orientamos como desejamos, e anda sempre a inventar alguma novidade, não deixa que subsista em nós nenhum vestígio da natureza. (MONTAIGNE, 2002, p. 311).

Podemos identificar a ideia de natureza empregada por Montaigne em, no mínimo, dois sentidos: como princípio de vida e de movimento de todas as coisas existentes, isto é, como substância, e como lei que governa todas as coisas existentes, como ordem, necessidade. (ABBAGNANO, 2007). Sendo assim, distinguimos duas escolas que inspiram o imaginário conceitual no pensamento do escritor, são elas o aristotelismo e o estoicismo.

De acordo com Abbagnano (2007), a natureza como

[...] princípio de vida e de movimento de todas as coisas existentes é a mais antiga e venerável, tendo condicionado o uso corrente do termo. “Permitir a ação da Natureza.”, “Entregar-se à Natureza.”, “Seguir a Natureza.” e assim por diante são expressões sugeridas pelo conceito de que a Natureza é um princípio de vida que cuida bem dos seres em que se manifesta. Foi nesse

sentido que Aristóteles definiu explicitamente a natureza. [...] Em conclusão, segundo Aristóteles, a melhor definição da Natureza é a seguinte: “A substância das coisas que têm o princípio do movimento em si próprias” [...] (Met., V, 4, 1015 a 13). [...] (ABBAGNANO, 2007, p.814).

Porém, no Renascimento, o problema da natureza retorna com um novo vigor, e como coloca Abbagnano (2007), “A exaltação especulativa da Natureza por parte do naturalismo renascentista recorre ao conceito de Natureza criadora ou universal.” (ABBAGNANO, 2007, p. 814). Sobre estas noções, Azar Filho escreve que “A natureza foi a grande entidade metafísica da Renascença.” (AZAR, 1996, p. 52). Azar Filho pontua:

Pelo menos desde o século XII (em um movimento que deita suas raízes no século IX) a ideia de natureza começa a sofrer, em suas expressões teóricas e artísticas, transformações substanciais, e o alto Renascimento alcança brilhante equilíbrio entre suas heranças antigas e medievais. Porém, mais e mais certas contradições básicas se tornarão evidentes, e a sustentação dos paradoxais padrões vigentes, problemática, o termo 'natureza' será, então, repleto de significados que se permutam, opõem-se e superpõem-se, pois a própria natureza aparecerá, no esfacelamento de sua feição medieval em meio ao redespertar do mundo do antigo e ao descobrimento de Novos Mundos [...] Palavra de múltiplas e complexas significações (e que, no período em questão, poderá chegar a ocupar o lugar de Deus), a natureza sofreu ao longo de sua história profundas modificações semânticas, porque grandes mudanças atravessou o relacionamento e a interação com ela. (AZAR, 1996, p. 52).

Desta maneira, a primeira concepção substancial para Natureza, como nos coloca Abbagnano, “[...] compreende três conceitos coordenados ou equipolentes: a) a Natureza como causa (eficiente e final); b) a Natureza como substância ou essência necessária; c) a Natureza como totalidade das coisas.” (ABBAGNANO, 2007, p. 814).

Ainda devemos considerar uma segunda concepção fundamental que mescla-se com as ideias de Montaigne, que é a de Natureza como ordem e necessidade. De acordo com Abbagnano (2007), esta concepção origina-se com os estoícos. Ao falar sobre a vida de Zenão, que como dito anteriormente, é o grande representante do estoicismo, encontramos em Diógenes Laércio²³, as seguintes observações sobre a Natureza:

O termo “natureza” é usado pelos estoícos para significar às vezes aquilo que mantém o cosmos unido, e às vezes a causa do crescimento das coisas terrestres.

A natureza é a capacidade movida por si mesma que, de conformidade com os princípios seminais, produz e conserva tudo que germina por si em períodos definidos, fazendo as coisas como elas são e obtendo resultados condizentes com suas fontes. (LAÉRCIO, 1977, p. 215).

Sobre esta noção citada acima Abbagnano diz:

Nesta definição acentuaram-se a regularidade e a ordem do devir à qual a Natureza preside. A este conceito de Natureza está ligada a noção de lei natural, que, da Antiguidade até o século XIX, teve grande importância na moral e no direito. De fato, a lei natural é a regra de comportamento que a ordem do mundo exige que seja respeitada pelos seres vivos, regra cuja realização, segundo os estoícos, era confiada ao instinto (nos animais) ou à razão (no homem). (ABBAGNANO, 2007, p. 814-815).

Podemos perceber que Montaigne mescla diversas noções para compor suas ideias a respeito da natureza, muito embora não elabore um enunciado para definir tal conceito, e nem pretenda fazê-lo. Mas podemos colher pistas em seus ensaios, e arriscar dizer que para o autor a natureza é, ao mesmo tempo, movimento, substância, totalidade, necessidade, lei universal, princípio de vida, força criadora, Deus... E por ser tão poderosa é a partir dela que devemos procurar conduzir nossas vidas e a educação das crianças.

²³ Escreveu “Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres”, obra de grande relevância para o estudo da História da Filosofia Antiga.

Em suma, Montaigne propõe como método formativo seguir a natureza; no entanto, como esta tarefa não é fácil, devemos atentar para os nossos usos e costumes, fazendo uso dos artificios humanos, dentre eles a filosofia, a história, a música, o teatro, a conversação, os exercícios físicos, as viagens e as letras, sem nos esquecermos de buscar nos artificios uma simplicidade natural. Sendo assim, podemos compreender o conselho de Montaigne em seguir a natureza não como um afastamento do homem de sua cultura e um retorno a uma vida selvagem, mas como um reconhecimento da própria cultura e artificios como pertencentes à natureza humana, porém procurando aperfeiçoá-la com base na simplicidade que a própria natureza propõe. Aí encontramos mais uma característica da relação que há entre a forma de Montaigne pensar a educação e escrever ensaios, que se dá na relação entre natureza e cultura, como aponta Adorno:

[...] quanto mais energicamente o ensaio suspende o conceito de algo primordial, recusando-se a desfiar a cultura a partir da natureza, tanto mais radicalmente ele reconhece a essência natural da própria cultura. Nela se perpetua, até hoje, a cega conexão natural, o mito; e o ensaio reflete justamente sobre isso; a relação entre natureza e cultura é o seu verdadeiro tema. (ADORNO, 2003, p. 39).

Sendo assim, pensar a educação de crianças a partir da relação entre natureza e cultura, significa pensar uma educação ensaística. Uma educação que considere o alcance e os limites do conhecimento humano e o poder e grandiosidade da natureza. Como seria? Vamos juntos com Montaigne compreendê-la.

3.2 “Da educação das crianças” e a Formação Humana

Quando em 1579 Diana de Foix, mulher de seu amigo e vizinho, Conde de Foix, se viu grávida do primeiro filho, Montaigne, que comparecera ao casamento, dedicou-lhe um ensaio sobre a educação de um “rapaz de boa família”. Uma pedagogia implica uma filosofia de vida. É a filosofia de sua experiência pessoal que Montaigne condensa nesse ensaio. (VILLEY, 1962, p. 42-43).

Montaigne não é só inovador na forma de escrever e filosofar – é também na forma que concebe a educação, o educador e a própria criança. No entanto um alerta: para interpretarmos o texto do filósofo e realizarmos uma releitura para pensarmos a educação contemporânea, é necessário levar em consideração suas condições sociais, culturais e históricas. Montaigne era um fidalgo, descendente de uma família burguesa, que ascendeu social e economicamente com o comércio, magistrado e frequentador da alta sociedade francesa, o que lhe conferiu uma posição privilegiada, vindo a ser até mesmo prefeito de sua cidade, *Bordeaux*.

Sabemos que Montaigne escreve o ensaio XXVI pensando na educação de um menino nobre, o que confere a seu ensaio sobre a educação das crianças um caráter mais particular. Mas é importante sabermos que o filósofo não tinha a pretensão de escrever um tratado sobre a educação ou um sistema educacional, e que escreveu um ensaio endereçado a uma condessa de família nobre e amiga de Montaigne, que esperava seu primeiro filho. Ele não prescreve nem determina fórmulas: antes, elegantemente reflete, opina e aconselha. Escreve com arte. Logo, não devemos crucificá-lo por seu pensamento individualista e não democrático; temos que saber fruí-lo, utilizando-nos das experiências e reflexões do autor para pensarmos as nossas. Vamos, pois, em busca disso.

Como educar? Para quê educar? Ao pensar sobre o problema da educação no ensaio “Da educação das crianças”, Montaigne escreve suas reflexões filosóficas sobre a educação. Ainda que esta reflexão tenha se apresentado em um único ensaio de aproximadamente cinquenta páginas, é tão ampla, bem escrita e aprofundada, que para tanto ele de mais não precisou. Montaigne pensou e pensou com entrega e atenção sobre o problema da educação de crianças, sobre como formar um homem. E, além de fontes antigas diversas, utilizou sua própria experiência para elaborar o ensaio XXVI do Livro I dos “Ensaio”.

O filósofo adentrou no ser humano para pensar os caminhos formativos que este percorre ao longo de sua vida, e de que maneiras podem ser por ele bem percorridos, para que seja não apenas um caminho atravessado, mas um caminho bem trilhado. E perguntou mais: em um caminho bem trilhado, como pode o ser humano, através dele, tornar-se melhor? Podemos entender a concepção que Montaigne emprega ao utilizar o termo “melhor”, isto é, qual a ideia de Bem, ao analisarmos o ensaio XXVI, pois nele o autor coloca como objetivo primeiro na formação do homem as virtudes e a sabedoria, ou seja, a excelência moral na forma de ser e agir do homem, cultivando virtudes

tais como a moderação, a sensatez, o discernimento, a modéstia, a humildade, a lealdade, e a busca por orientação para a arte de viver, que consiste em encontrar a felicidade, que por sua vez se resume na adaptação do ser ao meio. Weiler nos esclarece melhor a respeito da sabedoria segundo Montaigne:

O homem afastou-se da natureza; sente-o, sofre e não pode voltar atrás; por maior que seja sua nostalgia, não tornará a ver a idade da inocência – que talvez não fosse a idade de ouro. Achar um ponto de equilíbrio entre as forças que oprimem e aquelas em que nos apoiamos, viver contentes com a sorte, alcançar a paz e a harmonia interior, eis a sabedoria, a que todos aspiram mais ou menos confusamente, com maior ou menos constância. (WEILER, 1961, p. 105).

Que a partir de uma boa educação, a criança seja orientada para a arte do bem viver. É esta, para Montaigne, a grande tarefa da educação, que se confunde com a tarefa da própria vida: aprender a arte de bem viver e tornar-se uma pessoa melhor. Seria esta tarefa apenas um sonho renascentista e humanista de Montaigne?

O nosso escritor acredita na força da educação em esculpir e formar o espírito humano, desde que procuremos orientar-nos pela natureza. Para ele “A mentalidade e a conduta do homem são frutos da educação [...]” (MOREAU, 1987, p. XII). O ser humano não nasce pronto. O pensador admite a indefinição da natureza humana, que ao contrário dos animais, que desde seu nascimento demonstram suas inclinações naturais, o homem apresenta inclinações frágeis e obscuras, “[...] entregando-se incontinenti a costumes, a ideias, a leis [...]” e que assim, “[...] mudam ou se disfarçam facilmente.” (MONTAIGNE, 2002, p. 222-223). Porém crê nas propensões naturais de cada homem, e considera perda de tempo forçá-lo em caminhos que nada tem a ver com estas propensões naturais, como declara no ensaio “Do arrependimento”:

As tendências naturais desenvolvem-se e se fortalecem pela educação, mas não se modificam. Tenho visto milhares de indivíduos voltarem-se para a virtude ou o vício, apesar de uma educação que os deveria impelir para o lado oposto. [...] Não se arrancam as raízes das tendências originais; dissimulam-se tão somente. (MONTAIGNE, 1961, p. 146).

Para ele, no entanto, descobrir tais propensões ou tendências naturais é uma grande dificuldade, e não deveríamos arriscar-nos em prognósticos e adivinhações por conta das iniciativas da infância. Apresenta então a sua opinião acerca desta dificuldade em escolher bem o caminho das crianças: “Entretanto, nessa dificuldade, minha opinião é a de encaminhá-las sempre para as coisas melhores e mais proveitosas [...]” (MONTAIGNE, 2002, p. 223). Que coisas “melhores e mais proveitosas” são estas? É o que iremos investigar ao longo de nossa análise.

O filósofo adota como método único de sua escrita a sinceridade. E como fonte a sua própria experiência. Não pretende ser universal: coloca-se no ensaio e cita casos particulares, e prefere a arte de suas escrituras às totalidades. No entanto inicia o ensaio XXVI com um problema filosófico que sugere ser universal: “Mas, na verdade, disso entendo apenas que a maior e mais importante dificuldade da ciência humana parece estar nesse ponto em que se trata da criação e educação das crianças.” (MONTAIGNE, 2002, p. 222).²⁴

Montaigne considera o problema da educação como o maior e mais importante para a ciência humana. Assim, pois, é que pensa cuidadosamente sobre a mesma. E na educação de uma criança que se deseja bem formada e sensata, para que seja forte em seu físico e pense por si mesma, que busque “[...] se conhecer e a saber morrer bem e viver bem.” (MONTAIGNE, 2002, p. 238), é, pois, fundamental todo empenho por parte de pais e preceptores [*gouverneur*].

Para tão nobre tarefa Montaigne aconselha a contratação de um bom *gouverneur*, do qual toda a condução da formação da criança dependerá, lembrando que era prática comum da nobreza de sua época contratar estes profissionais particulares para orientar e ensinar seus filhos. Por isto a escolha do preceptor se faz fundamental e é esta tarefa dos pais. Quanto a isso, Montaigne aconselha:

[...] gostaria que se tivesse o cuidado de escolher-lhe um preceptor [*conducteur*] que antes tivesse a cabeça bem feita [*tête bien faite*] do que bem cheia [*bien pleine*], e que se lhe exigissem ambas as coisas, porém mais os costumes e o

²⁴ Vale citar em francês: “*Mais à la vérité, je n’y entends sinon cela, que la plus grande difficulté et importante de l’humaine science semble être en cet endroit, où il se traite de la nourriture et institution des enfants.*” (2009, p. 317)

entendimento do que a ciência; e que em seu encargo ele se conduzisse de uma forma nova [*nouvelle manière*]. (MONTAIGNE, 2002, p. 224).

Montaigne evidencia neste trecho o que espera da própria educação, que seja primordialmente voltada para a formação dos costumes e do entendimento da criança, e não à primazia da ciência. A ciência vem em segundo plano, após a criança ter se desenvolvido na habilidade de julgamento, de pensar por conta própria, de discernir por si mesma, de conhecer a sua força e seus limites físicos. Que se tenha paciência com esse aprendiz. E que se atente para a singularidade de suas “medidas e formas”, pois cada ser humano é único, e como tal, não se deve fazer como aqueles que “tentam em uma mesma lição e com idêntica medida de conduta reger muitos espíritos de tão diversas medidas e formas [*mesures et formes*].” (MONTAIGNE, 2002, p. 225).

O filósofo revela igualmente neste trecho o que considera ser o objetivo da educação, que é o de formar cabeças bem feitas e não cabeças cheias, da mesma maneira que deve ser o preceptor. Ela deve tornar a criança uma pessoa melhor, e não um mero erudito, porém insensato. Deve fazê-la sentir na própria pele o que é a vida, entender o sentido e a substância de suas lições, e aprender a expor de cem maneiras diferentes tudo aquilo que aprendeu, pois só assim se poderá ver “[...] se ela realmente o captou e incorporou [...]” (MONTAIGNE, 2002, p. 225), quer dizer, se ela efetivamente aprendeu. A criança deve experimentar e arriscar, desenvolver a sua capacidade de juízo e se tornar autor de sua vida, aprendendo assim a governar a si mesmo. E que adquira saber por reflexão própria e não por memorização ou simples autoridade.

É preciso dar à criança liberdade de julgamento para que ela se torne vigorosa nesta habilidade, e para que não se submeta a nenhum dogmatismo, conhecendo a diversidade de opiniões, e que escolha se puder, “Que ele o faça passar tudo pelo crivo e nada aloje em sua cabeça por simples autoridade e confiança [...]” (MONTAIGNE, 2002, p. 226). Que possa duvidar, e na dúvida permanecer; no entanto, se “[...] abraçar as opiniões de Xenofonte e de Platão por seu próprio julgamento, não serão mais as opiniões deles, serão as suas.” (MONTAIGNE, 2002, p. 226). É nesse ponto que aparece o ceticismo de Montaigne no ensaio XXVI, em oposição ao dogmatismo.

O autor fala da educação das crianças, mas não se refere à faixa etária desta criança tal como realizou Rousseau posteriormente,

elaborando uma faseologia da infância na sua obra “Emílio ou Da Educação”; podemos supor que se trata de crianças alfabetizadas, a partir dos seus sete ou oito anos de idade, até por volta dos seus quinze ou dezesseis anos.

Montaigne confia e aposta na capacidade de juízo de seu aprendiz. Acredita que é na infância que se deve iniciar a formação intelectual e moral, bem como a corporal, e todas em conjunto, salientando que “O que se instrui não é uma alma, não é um corpo: é um homem; não se deve separá-lo em dois.” (MONTAIGNE, 2002, p. 247). Desta maneira podemos até mesmo considerar a educação tal como Montaigne concebe, como um processo contínuo e ininterrupto, porém que ocorre de forma tranquila e respeitando o ritmo da criança. Em nenhum momento o autor fala em seriações, etapas ou níveis de aprendizado, o que não é de todo uma desvantagem. O nosso problema atual se situa muito mais em como por em prática esta forma de Montaigne, do que em sua plausibilidade.

Toda finalidade do estudo e desta formação que Montaigne propõe consiste em que o aprendiz se torne melhor e mais sensato, colocando agora que a sua concepção de filosofia e educação é uma concepção moral. Atenta, antes de mais nada, para a virtude e a sabedoria. Que sejam então os livros apenas aparato, ornamento, e jamais fundamento, mas que seu fundamento esteja na liberdade de sua inteligência, de seu pensamento. Montaigne não desdenha da importância dos livros, como declara no ensaio “Da companhia dos homens, das mulheres e dos livros”:

O comércio dos livros, é mais seguro. Não se equipara aos outros, mas tem a vantagem de estar sempre ao nosso alcance. Desde sempre me assistiu e em todas as circunstâncias; consola-me na velhice e na solidão, torna suave uma ociosidade que poderia ser aborrecida e livra-me das pessoas cuja presença me contraria; amortece enfim os latejos da dor quando não é demasiado aguda e é mais forte do que qualquer paliativo. Para afastar uma ideia importuna, nada como recorrer aos livros; apossam-se de mim e fazem-me esquecê-la. [...] Não há como nos apiedarmos do doente que tem a cura a seu alcance. (MONTAIGNE, 1961, p. 158-159).

É muito válido considerarmos que a relação com os livros no tempo de Montaigne era diferente da nossa atual e a leitura e

memorização eram tidas em altíssima escala nas instituições de ensino, e por tal razão é que Montaigne quer ressaltar a supremacia da vida em relação aos livros. Quer que o livro de seu aluno seja a própria vida, “Este grande mundo, que alguns ainda multiplicam como espécies sob um gênero, é o espelho em que devemos olhar para nos conhecermos da perspectiva certa. Em suma, quero que seja esse o livro de meu aluno.” (MONTAIGNE, 2002, p. 236).

Montaigne ressalva: não são as datas e os locais dos fatos históricos que seu discípulo deverá apreender, mas sim a julgar as histórias, inclusive sobre as virtudes morais ou a falta delas em seus personagens. Cabe a ele interpretar e realizar uma “anatomia da filosofia” (MONTAIGNE, 2002, p. 234), pois assim podemos penetrar nas partes mais obscuras de nossa natureza. Enfim, com seu juízo desenvolvido, seu discípulo terá a capacidade de ler este grande livro que é o próprio mundo.

Acredita, pois, inversamente, que “Da frequência do mundo tira-se uma admirável clareza para o julgamento dos homens. Estamos todos trancados e encolhidos em nós mesmos e temos a visão limitada ao comprimento de nosso nariz.” (MONTAIGNE, 2002, p. 235). Não é apenas preciso que se lhe aprimore o juízo para frequentar o mundo, é também necessário o seu contrário – que frequente o mundo, que saia de si e se torne um cidadão cosmopolitano, para que tenha um pensamento mais aberto e mais amplo e veja além do seu próprio nariz. Somente aquele que se observa dentro de um todo infinitamente maior do que si próprio, é que pode avaliar as coisas com mais justeza:

Mas quem se representa, como em um quadro, essa grande imagem de nossa mãe natureza em sua total majestade; quem lê em seu semblante uma tão geral e constante variedade; quem se observa dentro dela, e não a si mas a todo um reino, como um risco de um buril muito fino, apenas esse avalia as coisas em sua justa dimensão. (MONTAIGNE, 2002, 236).

Ao frequentar o mundo, o discípulo deverá estar atento aos exemplos dos outros homens, para que assim aprimore a si próprio, seja beneficiando-se e aprimorando-se com os bons exemplos de excelência, seja aprendendo com os maus a não se portar e agir de determinadas maneiras. Assim, Montaigne sugere que a criança tenha comércio entre os homens, ou seja, uma vida social ativa, que converse e observe os homens, que comece a “passar”, a viajar, desde a mais tenra infância,

para que assim possa matar dois coelhos em uma única cajadada, quer adquirindo conhecimento de outras línguas como também de outros costumes.

A concepção de Montaigne sobre Formação Humana vai se delineando, e podemos afirmar que ela consiste em edificar homens autênticos, autores de suas vidas, saudáveis, pensadores e virtuosos. Há uma estética nesta concepção, e é interessante pensar que ela se realiza no encontro com a arte do bem viver, como declara Montaigne: “A mais admirável obra-prima do homem consiste em viver com acerto. Em outras palavras, a fazer cada coisa em seu devido tempo.” (MONTAIGNE, 1961, p. 353).

A filosofia da educação de Montaigne implica uma filosofia de vida. Pois educar é ajudar a criança a desenvolver-se na arte do bem viver. Há todo um cuidado com a criança e um cultivo de si que privilegia a plenitude humana dentro dos ideais de força e sabedoria. Esta filosofia de vida orienta-se pela filosofia antiga, no entanto Montaigne busca uma atualização destas filosofias. Compõe a sua própria a partir de todo conhecimento que adquiriu através de suas experiências e estudos, e nos proporciona que através do seu conhecimento possamos criar as nossas.

3.3 Propostas formativas de Montaigne

Podemos agora conceder-nos uma licença poética para saborearmos as propostas formativas montaignianas, ou seja, conhecer e investigar seus conselhos sobre como orientar o espírito humano a partir de certos princípios, apresentados no ensaio “Da educação das crianças”. Ressalto que a minha intenção não é verificar a falibilidade ou a plausibilidade das propostas de Montaigne, mas utiliza-las como ensaios para pensar a educação hoje. Para tanto, dividirei ideias chaves de seu pensamento sobre a educação, classificando-as em pontos (I, II, III...).

Ponto I:

Inicialmente, Montaigne sugere que a “nossa criança” possa desde o princípio “[...] experimentar as coisas, que possa escolhê-las e discernir por si mesma [...]”, às vezes com o auxílio do preceptor, às vezes por conta própria. (MONTAIGNE, 202, p.224). O que Montaigne propõe é a experimentação como forma de gerar aprendizagem e desenvolver o indivíduo.

Ponto II:

Também considera que o preceptor não seja um tagarela que fale sozinho, mas que saiba escutar seu discípulo e conversar com ele:

“Não quero que ele invente e fale sozinho, quero que escute o discípulo falar por sua vez.” (MONTAIGNE, 202, p.224). A conversação é primordial na pedagogia de Montaigne.

Ponto III:

Que os educadores das crianças tenham métodos distintos para crianças diferentes. Neste ponto Montaigne ressalta a não possibilidade de uma sistematização rígida e planificada para educar crianças; leva em consideração a individualidade e a subjetividade de cada ser existente e revela uma perspectiva ensaística para a educação, que será modelada para cada criança levando em consideração a sua “natureza”.

Ponto IV:

Que o educador oriente a criança a encontrar o sentido e a substância das suas aprendizagens e que assim se aproprie dos conhecimentos adquiridos, não para que memorize, mas para que aplique em sua vida. Montaigne critica a memorização como única forma de adquirir saberes:

Saber de cor não é saber: é conservar o que foi entregue à guarda da memória. Do que sabemos efetivamente, dispomos sem olhar para o modelo, sem voltar os olhos para o livro. Desagradável competência, a competência puramente livresca! (MONTAIGNE, 2002, p.228).

A memória, antes tão valorizada em tempos que não havia livros impressos e a tradição oral era fundamental para a transmissão de saberes, no período histórico de Montaigne entra em crise, pois foi no século XV que surgiu na Europa a mais influente invenção: a prensa de tipos móveis. “Muito mais baratos do que obras manuscritas, os livros impressos revolucionaram a difusão do conhecimento.” (Coleção enciclopédia ilustrada de história: renascimento e reforma, 2009, p. 271). A memória deixa de ser a principal fonte do saber, passa a ser muito mais importante a leitura, a consciência, o juízo. Estes é que avaliarão com maior justeza todo saber. E é o que concebe Montaigne em sua “forma nova”. (MONTAIGNE, 2002, p. 224).

Ponto V:

Que o preceptor faça a criança falar sobre cada lição que lhe é ensinada, dando exemplos, explicando de maneiras diversas, relacionando e adaptando a outros assuntos, para verificar se a criança captou e incorporou o que lhe foi passado. Diz:

Que ele lhe peça contas não apenas das palavras de sua lição mas sim do sentido e da substância, e

que julgue sobre o benefício que tiver feito não pelo testemunho de sua memória e sim pelo de sua vida. Aquilo que tiver acabado de ensinar, faça a criança colocar em cem facetas e adaptar a tantos outros diversos assuntos, para ver se ela realmente o captou e incorporou [...]. (MONTAIGNE, 2002, p. 225).

Acima de tudo, Montaigne quer que o preceptor proporcione experiências e liberdade para a criança, para que possa adquirir autonomia e caminhar com as próprias pernas, ao contrário do que observava que era feito com as crianças:

Nossa alma só se move por crédito, ligada e constrangida ao apetite das fantasias de outro, serve e cativa sob a autoridade do ensinamento destes. Tanto nos submetem às cordas que já não temos livres os passos. Nosso vigor e nossa liberdade estão extintos. (MONTAIGNE, 2002, p. 225-226).

Ponto VI:

Que aprenda a filtrar todos os conhecimentos que lhe forem transmitidos, passando-os todos “[...] pelo crivo e nada aloje em sua cabeça por simples autoridade e confiança [...]” (MONTAIGNE, 2002, p. 226), e que, ao conhecer a diversidade de opiniões possa escolher e até mesmo permanecer na dúvida. É neste ponto que Montaigne insere o ceticismo na educação de crianças, a ferramenta da dúvida e da liberdade de duvidar. Será a liberdade de duvidar que lhe libertará dos dogmatismos.

Montaigne, ao colocar a dúvida em posição de destaque na educação de uma criança acaba por revelar sua teoria do conhecimento, da qual parte-se de uma atitude de não saber em direção ao querer saber, ao invés de saber. O ceticismo montaigniano, se pode ser pensando como um artifício pedagógico na educação das crianças deve ser entendido como uma atitude de humildade diante do conhecimento do universo e do que pode ser ensinado à criança, em oposição ao pedantismo erudito e diferente de um ceticismo crítico e ferrenho. Assim, o que pode ser ensinado à criança através do ceticismo é a aprender a ser moderado, sensato, a saber escutar e a não criar convicções prematuras a partir da autoridade dos saberes. Que a criança ame a ciência sim, mas que atente antes para si, para sua conduta, para

seu autoconhecimento, e principalmente para os limites daquilo que pode ou não ser conhecido. O autor diz:

Se tivesse tido de educar crianças, eu as houvera habituado às dúvidas e não às afirmações. Diriam: “Como? Não sei, pode ser, será?” Assim mais pareceriam aprendizes aos sessenta anos do que doutores aos dez, como acontece hoje. Quem deseja curar-se de sua ignorância precisa confessá-la. (MONTAIGNE, 1961, p. 297).

Ponto VII:

Que o discípulo conheça a diversidade de opiniões dos grandes pensadores e que estas possam auxiliá-lo a formar as suas próprias, “por seu próprio julgamento”, não para segui-los ou aprender seus preceitos, mas para assimilar àqueles que seu juízo concordar, impregnando-se de seus humores:

A verdade e a razão são comuns a todos, e não pertencem a quem as disse primeiramente mais do que a quem as disse depois. Não é segundo Platão mais do que segundo eu mesmo, já que ele e eu entendemos e vemos da mesma forma. (MONTAIGNE, 2002, p.227).

É assim que formará o seu julgamento, tarefa tão cara à concepção de formação humana do filósofo.

Ponto VIII:

Que o discípulo aprenda a se calar sobre o que aprendeu, não querendo demonstrar erudição, mas que demonstre o que fez com o que aprendeu, pois “O proveito de nosso estudo está em com ele nos termos tornado melhores e mais sensatos.” (MONTAIGNE, 2002, p.227), e não mais pedantes e vaidosos. O que importa é o desenvolvimento da inteligência, do entendimento (*l'entendement*), e não da desagradável competência livresca; “[...] que ela sirva de ornamento, não de fundamento [...]”, pois como afirma Platão que “[...] a firmeza, a honradez, a sinceridade são a verdadeira filosofia, enquanto as outras ciências e que visam alhures são apenas ouropéis.” (MONTAIGNE, 2002, p. 228). Montaigne realiza uma crítica ao ensino de seu tempo, com seus métodos escolásticos, puramente livrescos e pautados na memorização, tal como já aponta no Ponto IV.

Ponto IX:

Que o preceptor instrua a inteligência de seu discípulo colocando-a em movimento; portanto, para que ele aprenda a bem julgar e a bem falar, é necessário que ele treine o falar e o julgar, utilizando-se de tudo a sua volta como um “livro eficiente” (MONTAIGNE, 2002, p. 228) (*livre suffisant*), todas as ações humanas serão “matérias novas” (*nouvelle matières*). Para tal aprendizagem, o “comércio dos homens” é uma ferramenta excelente, para que possa então, ao viajar desde a mais tenra infância e frequentar países estrangeiros, não apenas adquirir magníficos produtos e aprender novas línguas, “[...] mas para trazer principalmente os humores daquelas nações e suas formas de comportamento, e para atritar e polir nosso cérebro contra o de outros.” (MONTAIGNE, 2002, p. 229).

Montaigne nos apresenta neste ponto sua posição antropológica social e multicultural na educação das crianças, revelando considerar de grande valor o conhecimento da diversidade cultural e étnica na formação humana. Fala mais no capítulo “Da vaidade” no livro III sobre a importância das viagens:

Além dessas razões, viajar afigura-se-me um exercício proveitoso, pois o espírito vive então continuamente solicitado a observar coisas novas e desconhecidas; e, como digo amiúde, não sei de melhor escola do que essa que lhe mostra a grande diversidade de existência, ideias e usos entre os homens, bem como a contínua variedade de formas da natureza.” (MONTAIGNE, 1961, p.259).

Ponto X:

Que não se crie as crianças no colo dos pais, pois, para que não atrapalhe a “[...] autoridade do preceptor, que deve ser soberana sobre a criança [...]” (MONTAIGNE, 2002, p. 230) e para não amolecê-los, primeiro porque são incapazes de castigá-los diante de suas faltas, e segundo porque não suportam vê-las sendo criadas para que tenham vigor, suportando frio e calor, quedas e lutas. Para Montaigne, é fundamental que o discípulo enfrente as adversidades da vida e não seja poupado na juventude; só assim se tornará um homem de bem. Bem lembrando que o aconselhamento de Montaigne é para os pais, e para auxiliá-los na contratação e direcionamento do preceptor.

Montaigne critica o sentimento de “parapicação” às crianças por parte dos pais de maneira gratuita, considerando a afeição dos pais pelos filhos algo que deva ser gradual e de acordo com os méritos

destes. Intitula o ensaio VIII do livro II “Da afeição dos pais pelos filhos” e discorre sobre o assunto, alegando:

Quanto a mim, não sinto nenhuma simpatia por essas inclinações que surdem em nós independentemente da nossa razão. Por exemplo, a respeito do que estou comentando, não posso conceber que se beijem as crianças recém-nascidas ainda sem forma definida, sem sentimento nem expressão que as tornem dignas de amor. [...] Uma afeição sincera e justificável deveria nascer do conhecimento que nos dão de si e com esse conhecimento crescer, a fim de que então, se o merecerem, e desenvolvendo-se de par com o bom-senso essa disposição para as amar, cheguemos a uma afeição realmente paternal. (MONTAIGNE, 1962, p.136).

Montaigne prossegue sua crítica neste ensaio, enfatizando que:

Em geral sentimo-nos mais comovidos com os trejeitos, os folguedos e as bobagens das crianças do que mais tarde com seus atos conscientes, e é como se delas gostássemos à maneira de símios e não de homens. Há quem as encha então de brinquedos e se neguem, quando já grandes, a efetuar a menor despesa em seu benefício. (MONTAIGNE, 1962, p.137)

Nosso filósofo não pretende com isso dizer que se deva menosprezar as crianças, mas que se deve ensiná-las a querer conquistar a afeição dos pais através de suas ações, bem como os pais, com os filhos já crescidos, devem cultivar a afeição e a amizade dos filhos, pois como diz:

Infeliz será o pai se a afeição (se é que assim se pode chamar) de seus filhos se subordina à necessidade que tem dele. É pela virtude e a capacidade que impomos o respeito, pela bondade e a cordura dos costumes que somos amados. (MONTAIGNE, 1962, p.138).

O autor também trata deste assunto no capítulo “Da amizade” no livro I, ao fazer uma comparação entre a relação de pais e filhos e a relação de amizade, diz:

O pai e o filho podem ter compleições totalmente diversas, e os irmãos também. É meu filho, é meu pai, mas é um homem selvagem, um homem maldoso ou um tolo. E depois, na medida em que são amizades que a lei e a obrigação natural nos ordenam, há tanto menos de nossa escolha e livre arbítrio. E nosso livre arbítrio não tem manifestação que seja mais verdadeiramente sua do que a da afeição e da amizade. (MONTAIGNE, 2002, p.277).

Montaigne, embora se oponha à atitude dos pais em paparicar as crianças, é também contrário ao descaso por elas, à frieza e distância nas relações entre pais e filhos. Montaigne é favorável à conquista do respeito dos pais pelos filhos e dos filhos pelos pais; quer que os pais ganhem o respeito de seus filhos não por imposição ou autoridade, mas por afeição.

Ponto XI:

Que sejam fortalecidos os seus músculos. Serão eles que darão sustentação à sua alma. Considera que a grandeza e a força de ânimo dependem muito “[...] da espessura da pele e da dureza dos ossos. [...] Ora, habituar-se a suportar o trabalho é habituar-se a suportar a dor [...].” (MONTAIGNE, 2002, p. 230). É preciso que ele se acostume à rudeza dos exercícios, pois o vigor físico lhe fornecerá o vigor em sua alma. Em tempos difíceis, como os que Montaigne presenciou, é essencial ter saúde e força. Eis o que o autor define como saúde em oposição à doença: “Consiste minha saúde em manter sem perturbações o meu estado habitual. A doença acarreta por certo uma ruptura de equilíbrio em certo sentido [...].” (MONTAIGNE, 1961, p. 333).

Ponto XII:

Que no desenvolvimento da arte da conversação possa exercitar a virtude, tendo o silêncio e a modéstia como qualidades valiosas. Que seja educado para “[...] poupar e bem gerir a sua inteligência, quando a tiver adquirido [...]” (MONTAIGNE, 2002, p.231), e que assim, saiba então, a não valer-se de todo tipo de tolices e mentiras ditas em sua presença, e que possa se preservar, contentando-se a corrigir apenas a si mesmo. Tais conselhos rumam a favor do bom senso e contra o pedantismo.

Ainda na arte da conversação, diz, que o ensinem a apenas:

[...] entrar em argumentação ou discussão quando encontrar um caminho digno de sua luta, e mesmo então não empregar todas as estratégias que lhe

possam servir, mas apenas as que lhe possam servir mais. Que o tornem escrupuloso na escolha e triagem de suas razões, e amando a pertinência, e consequentemente a brevidade. (MONTAIGNE, 2002, p. 231).

Esta instrução visa principalmente em orientá-lo na busca da verdade, seja de onde ela vier. É da liberdade de pensar e escolher, de “[...] poder arrepender-se e de admitir.” (MONTAIGNE, 2002, p. 232), de que nosso pensador está falando. Que não seja guiado pela necessidade de certezas e afirmações, mas de sua busca por sabedoria. Assim, é encontrar a verdade e a virtude o que lhe importa.

Ponto XIII:

Que seu preceptor lhe forme a vontade para ser leal ao seu comandante, “[...] muito afeiçoado e muito corajoso [...]” (MONTAIGNE, 2002, p.232), mas apenas por dever cívico e por nenhum outro motivo. Prender-se por outros motivos fere a liberdade e o julgamento, pois “[...] o julgamento de um homem comprometido e pago ou é menos íntegro e menos livre ou é onerado de imprudência e ingratidão.” (MONTAIGNE, 2002, p.232). Montaigne até mesmo despreza este tipo de servidão, pois esta corrompe a franqueza de um homem. Neste ponto podemos perceber o que há de mais valoroso para Montaigne na formação da criança: liberdade e juízo íntegros. A educação proposta pelo escritor não pretende formar a criança para servir o Estado, mas para formar um ser livre, com vontade própria e juízo íntegro.

Ponto XIV:

“Que sua consciência e sua virtude reluzam em suas palavras, e tenham como guia apenas a razão.” (MONTAIGNE, 2002, p.232). Em sua proposta pedagógica, o filósofo considera em alta escala a razão humana. Não por desprezar as outras instâncias do ser, como os sentimentos e o próprio corpo, mas por ser a razão o que deve guiar a consciência e a virtude, e onde o aluno deverá se pautar para fazer suas escolhas e tomar suas decisões. Inclusive, a de admitir o erro de seus raciocínios, procurando como qualidades principais o discernimento e a sinceridade.

Mais uma vez é realçada por Montaigne a centralidade da busca por sabedoria, pois admitir o erro é um ato de humildade que requer reconsideração e correção, e abandonar uma opinião errada “[...] são características raras, fortes e filosóficas.” (MONTAIGNE, 2002, p.232), possíveis apenas àqueles que amam a sabedoria, tal qual são os

autênticos filósofos. O pensamento e a conduta filosófica são ideais da pedagogia montaigniana.

Ponto XV:

Que seja advertido para ser um atento observador ao estar em companhia de outras pessoas, para “[...] ter os olhos por toda parte [...]” (MONTAIGNE, 2002 p.233). Pois o filósofo mesmo observou em sua experiência “[...] que os melhores assentos geralmente são ocupados pelos homens menos capazes, e que dificilmente as grandezas da fortuna se acham misturadas com a competência.” (MONTAIGNE, 2002 p.233). Por isso, quer que seu aluno não se engane, e sonde o alcance de cada pessoa, independente de posições sociais. Pois com todos pode aprender, e até “[...] mesmo a tolice e a fraqueza dos outros lhe será instrução. Ao examinar as características e as maneiras de cada um, ele fará nascer em si anseio pelas boas e desprezo pelas más.” (MONTAIGNE, 2002 p.233).

Ponto XVI:

Que “[...] coloquem-lhe na mente uma honesta curiosidade de se informar sobre todas as coisas [...]” (MONTAIGNE, 2002, p. 233), construções, pessoas, lugares, acontecimentos. Que se informe sobre os costumes, os recursos e as alianças de homens poderosos, tais como os príncipes, pois “[...] são coisas muito agradáveis de aprender e muito úteis de saber.” (MONTAIGNE, 2002, p.233).

Ponto XVII:

Será a partir da frequência dos homens, expressa nos pontos XV e XVI, que Montaigne recomendará um tipo de frequência especial: a dos “[...] que vivem apenas na memória dos livros.” (MONTAIGNE, 2002, p.233). Será a partir da leitura dos fatos históricos escritos nos livros que seu aluno irá conhecer “[...] as grandes almas das melhores épocas.” (MONTAIGNE, 2002, p. 233-234), sendo este um estudo de fruto inestimável. Com uma ressalva ao seu guia para que não fuja de sua missão: que no estudo da história, não seja cobrado de seu aluno a memorização de datas e locais, mas que seja usado para que conheça os costumes de grandes homens, bem como o caráter de cada um. E que aprenda não apenas as histórias, mas a julgar sobre elas (MONTAIGNE, 2002).

Montaigne considera o estudo da História como fundamental, e riquíssimo em detalhes e interpretações diversas, sendo até mesmo chamado por ele como “a anatomia da filosofia”. A História pode ser tanto uma aprendizagem moral como interpretativa. Pois como nos diz a respeito de Plutarco:

Há em Plutarco²⁵ muitas reflexões extensas, muito dignas de serem conhecidas, pois em minha opinião ele é o mestre-de-obras de tal atividade; mas há mil outras que ele simplesmente tocou: somente aponta com o dedo por onde devemos ir, se nos aprouver, e às vezes se limita a dar uma estocada no ponto mais sensível de um assunto. É preciso arrancá-los de lá e colocá-los à mostra. (MONTAIGNE, 2002, p.234).

Montaigne valoriza mais o desejo de saber do que a saciedade, por isso agrada-lhe Plutarco, por todas as possibilidades interpretativas que ele abre ao apenas apontar o caminho, pois “[...] mesmo nas coisas boas pode-se falar demais [...]” (MONTAIGNE, 2002, p.235). Assim, o desenvolvimento de duas potencialidades específicas e centrais na pedagogia montaigniana podem ser encontradas com o estudo da História: a filosófico-interpretativa e a moral, ou seja, tal estudo é útil ao aluno por desenvolver nele a capacidade de interpretar filosoficamente reflexões de grandes autores, como também de desenvolver o seu julgamento moral através dos exemplos vistos.

Ponto XVIII:

Que, ainda da frequentação do mundo, possa adquirir clareza para o julgamento dos homens (MONTAIGNE, 2002, p.235). A formação do julgamento é um ponto central na pedagogia de Montaigne. O filósofo critica a visão limitada “ao comprimento de nosso nariz” que temos, que é um erro que insensivelmente todos cometemos: “[...] erro de grande consequência e prejuízo.” (MONTAIGNE, 2002, p. 236).

Para ele é preciso buscar a formação de um julgamento generoso, que leve em consideração toda a diversidade do mundo e do gênero humano. Pois, para ele, apenas quem observa a nossa mãe natureza, em total majestade, tão geral e grande variedade, e se observa dentro dela, como dentro de todo um reino, é que poderá avaliar e julgar as coisas em uma dimensão mais justa (MONTAIGNE, 2002, p. 236).

É através da observação da amplidão do mundo e de sua variedade que se torna possível adquirir clareza de julgamento e que se pode bem formá-lo, e só através da observação de sua grandeza é que poderemos nos conhecer de uma perspectiva mais sensata, como afirma:

Este grande mundo, que alguns ainda multiplicam como espécies sob um gênero, é o espelho em que devemos olhar para nos conhecermos da

²⁵ Cita um pouco acima no texto de que fala da obra “Vidas” de Plutarco.

perspectiva certa. Em suma, quero que seja esse o livro de meu aluno. Tantos sentimentos, facções, julgamentos, opiniões, leis e costumes nos ensinam a julgar com exatidão os nossos próprios, e ensinam nosso julgamento a reconhecer sua própria imperfeição e sua fraqueza natural – o que não é uma aprendizagem leviana. (MONTAIGNE, 2002, p. 236).

Ponto XIX:

Que, juntamente com os exemplos observados no vasto mundo, acrescente-lhe “[...] todos os mais proveitosos argumentos da filosofia, pela qual se deve tocar as ações humanas como regra para elas.” (MONTAIGNE, 2002, p.237). Montaigne, ao tratar dos argumentos da filosofia, não está se referindo à filosofia de um modo geral como conhecemos hoje e fragmentada em áreas ou eixos temáticos (com suas reflexões cosmológicas, metafísicas, políticas, ontológicas, epistemológicas ou estéticas), mas a um tipo específico de filosofia: a filosofia moral. Ou seja, a filosofia sobre os seres humanos, também chamada de ética, a reflexão filosófica a respeito das ações humanas, sua conduta, seu agir, seu pensar, seu sentir. Para ele estas devem ser as primeiras reflexões a alimentar o entendimento de uma criança, pois estas “[...] devem ser as que regulam seus costumes e seu senso, que lhe ensinarão a se conhecer e a saber morrer bem e viver bem. Entre as artes liberais, comecemos pela arte que nos faz livres.” (MONTAIGNE, 2002, p.238). E esta arte é a filosofia, tal como concebe Montaigne.

É nesse ponto que Montaigne coloca a primazia do ensino das reflexões filosóficas em detrimento das outras artes liberais e das ciências, é também quando realiza sua crítica às ciências de seu tempo, alegando que muitas das que estão sendo pesquisadas estão fora de nosso uso, por isso, aconselha a restrição na transmissão de saberes, provenientes das investigações humanas. Aconselha aqueles que servem “[...] diretamente e expressamente.” (MONTAIGNE, 2002, p. 238) para a formação de nossas vidas e para seu uso. Reflete:

Se soubéssemos restringir a seus justos e naturais limites as dependências de nossa vida, descobriríamos que a melhor parte das ciências que estão em uso está fora de nosso uso; e que, mesmo naquelas que são de nosso uso, há extensões e aprofundamentos muito inúteis, que faríamos melhor em deixar de lado, e, segundo as instruções de Sócrates, barrar o curso de nosso

estudo àquelas em que falta a utilidade. (MONTAIGNE, 2002, p. 238).

No entanto, o útil para Montaigne, é empregado em sentido do ser útil para a vida, para instruir-nos, para a formação do ser humano em busca do bem viver.

Montaigne enxerga na filosofia moral a sua dimensão prática e útil para a vida humana, pois será ela que comunicará ao aluno “[...] o que é próprio para fazê-lo mais sábio e melhor [...]” (MONTAIGNE, 2002, p. 239). Cita Anaxímenes, em uma carta que escrevera a Pitágoras: “Com qual senso Posso distrair-me com o segredo das estrelas, tendo a morte ou a servidão sempre presente ante meus olhos?” (MONTAIGNE, 2002, p. 239). Montaigne continua: “Sendo atacado por ambição, avareza, temeridade, superstição, e tendo dentro de mim outros tantos inimigos da vida, irei eu pensar no movimento do mundo?” (MONTAIGNE, 2002, p. 239).

Não há dúvida sobre o centro da preocupação, da instrução, da formação para Montaigne: o ser humano. Ele não define uma pedagogia – crítica e aponta caminhos. Quer formar o ser humano, torná-lo “[...] *plus sage et meilleur*.” (MONTAIGNE, 2009, p.333). A sabedoria é um dos rumos de Montaigne, tornando-a quase um ideal para o ser humano. Maurice Weiler em “Para conhecer o pensamento de Montaigne” define o que é a sabedoria para o filósofo:

Viver segundo a natureza, tirando da vida tudo o que ela pode dar, e de si mesmo o que se tem de melhor, aceitar sem murmúrio as servidões da condição humana e gozar sem remorso de suas vantagens, evitar os excessos, tanto os da intemperança como os do ascetismo, da ciência e da devoção, da volúpia e da virtude, eis em última análise a sabedoria segundo Montaigne. (WEILER, 1961, p.117).

Só após ter o seu discernimento formado, é que falarão à criança sobre outras ciências como a lógica, a física, a geometria e a retórica, pois assim ele dominará estas outras ciências com maior brevidade.

A forma que a filosofia será colocada à criança é que será diferente, bem como todos os outros saberes.

Ponto XX:

Que a “aula” de seu aluno seja ao gosto de Montaigne: “Sua aula será feita ora por conversação, ora por livro; ora seu preceptor lhe

fornecerá do próprio autor, adequado para essa finalidade de sua instrução, ora lhe dará dele a medula e substância já mastigada.” (MONTAIGNE, 2002, p.239). O nosso autor compara esta maneira com uma fruta, na qual “[...] a alma encontra onde morder e onde se apascentar.” É da alimentação e nutrição da alma que Montaigne está falando, e é isso que ele quer que ocorra ao seu discípulo em sua educação. Toca novamente no Ponto II, realçando a centralidade da conversação, e no Ponto XVII, a importância da leitura, bem como da variedade de métodos, visando o favorecimento do apetite por aprender do aluno.

Ponto XXI

Montaigne ainda recomenda o teatro à sua criança, como forma de diversão e jogo, na medida em que também afasta os jovens de práticas prejudiciais ao seu desenvolvimento, como já citado anteriormente:

Pois sempre acusei de impertinência os que condenam essas diversões, e de injustiça os que recusam a entrada em nossas boas cidades aos comediantes de valor, e recusam ao povo esses prazeres públicos. Os bons governantes têm o cuidado de juntar os cidadãos e reuni-los como para os deveres sérios da devoção, também para os exercícios e jogos; com isso a convivência e a amizade aumentam. [...] E eu acharia razoável que o magistrado, e o príncipe, a suas próprias expensas, às vezes agradassem assim ao povo, com uma afeição e bondade como paternais; e que nas cidades populosas houvesse lugares destinados e preparados para esses espetáculos: uma forma de desviar de ações piores e ocultas. (MONTAIGNE, 2002, p. 264-265).

Ponto XXII

Por fim, nosso filósofo encerra o ensaio com uma preciosa sugestão que muito bem caracteriza toda sua proposta formativa, que é estimular o apetite e a afeição do aluno, pois caso contrário “[...] fazemos apenas burros carregados de livros.” (MONTAIGNE, 2002, p. 265), como lemos a seguir:

Para voltar a meu assunto, não há nada como aliciar a o apetite e a afeição; de outra forma fazemos apenas burros carregados de livros. A golpes de chicote, dão-lhes para guardar a bolsinha cheia de ciência – a qual, para ser eficaz,

não deve somente ser guardada em casa; é preciso desposá-la. (MONTAIGNE, 2002, p. 265).

3.4 Formação Humana em Montaigne: Três movimentos

Após conhecermos e analisarmos as propostas formativas do ensaio XXVI, podemos distinguir três principais “movimentos formativos” na ideia de formação humana que Montaigne constitui, lembrando o que já foi dito anteriormente na Introdução sobre os “movimentos formativos”, concebidos como deslocamentos de ações humanas e não humanas, causais ou acidentais, que tecem e vão perfazendo e constituindo a Forma Humana, em suas dimensões físicas, intelectuais e morais. Estes movimentos não se dão separados, em disciplinas, e em momentos distintos, mas articulam-se entre si e em momentos oportunos podem ocorrer simultaneamente e em interação uns com os outros, como coloca claramente na frase:

Quero que as boas maneiras externas, e a conduta social, e o desembaraço de sua pessoa sejam moldados juntamente com sua alma. O que se instrui não é uma alma, não é um corpo: é um homem; não se deve separá-lo em dois. (MONTAIGNE, 2002, p. 247).

A interação dos movimentos na proposta formativa de Montaigne curiosamente assemelha-se à forma do ensaio, retrada por Adorno:

O ensaio exige, ainda mais que o procedimento definidor, a interação recíproca de seus conceitos no processo da experiência intelectual. Nessa experiência, os conceitos não formam um *continuum* de operações, o pensamento não avança em um sentido único; em vez disso, os vários momentos se entrelaçam como num tapete. Da densidade dessa tessitura depende a fecundidade dos pensamentos. O pensador, na verdade, nem sequer pensa, mas sim faz de si mesmo o palco da experiência intelectual, sem desemaranhá-la. [...] o ensaio procede, por assim dizer, metodicamente sem método. (ADORNO, 2003, p. 29-30).

Podemos apresentá-los da seguinte maneira:

Primeiro movimento: A formação do corpo:

Visa o desenvolvimento físico, do corpo enquanto manifestação da natureza. Ocorre pelo fortalecimento dos músculos do corpo e das habilidades motoras através de exercícios, como a corrida, a luta, a dança, a caça, o manejo de cavalos e de armas. Como afirma Montaigne, “Não basta fortalecer-lhe a alma; é preciso também fortalecer-lhe os músculos.” (MONTAIGNE, 2002, p.229).

Segundo movimento: a formação do intelecto:

Visa o desenvolvimento do entendimento, da formação do juízo, da consciência e da inteligência, da razão mesma. Ocorre através da conversação, do exercício de ajuizar, da observação, da experimentação, da investigação, da dúvida e da própria prática filosófica que Montaigne propõe ao seu aluno, enfim, da capacidade de, ao ter suas experiências, elaborar suas próprias ideias e palavras, de tornar-se autor de seus pensamentos e da própria vida.

Terceiro movimento: A formação da moral:

Visa o desenvolvimento das virtudes, do caráter, dos hábitos e dos costumes. Ocorre através da frequência do mundo e da observação das ações humanas, da frequência dos livros e da história dos grandes homens, do ensinamento dos mais proveitosos argumentos da filosofia como regra de toque para as ações deste aluno, das viagens e do comércio entre os homens, a fim de observar-lhes suas ações, costumes e hábitos, e tomá-los como exemplos.

Assim como todos os Pontos analisados anteriormente, os três movimentos da Pedagogia de Montaigne estão diluídos em seu ensaio e dão-se na forma do ensaio, que, como analisa Márcio Suzuki a respeito dos ensaios de David Hume²⁶ e deste gênero literário, é “[...] essa armação mais elástica, menos definida [...]” (2008, p.316). E continua:

O escritor obedece a um “plano” geral que dá unidade a sua obra, e esse plano será tanto mais bem executado quanto menos forçada ou abrupta parecer a passagem entre seus diversos momentos, favorecendo a fácil transição entre as impressões, paixões e ideias. Ou seja, o contorno do desenho deve favorecer a imaginação do leitor, sem ao mesmo tempo “dar demais na vista. (SUZUKI, 2008, p. 316).

²⁶ “A arte de escrever ensaio e outros ensaios (morais, políticos e literários)”.

O ensaio é também definido por Suzuki como a arte da conversação, ou simplesmente como a transcrição de uma conversa:

E o aspecto fundamental é, de fato, este: o ensaio é um gênero que tem a conversa por modelo, não só porque busca uma forma de comunicação semelhante, mas também porque essa forma de comunicação permite que se vejam os elos naturais, já que é uma forma “objetivada” do fluxo associativo, na qual se dão a perceber conexões de ideias que permaneceriam ocultas para o filósofo solitário. (SUZUKI, 2008, p. 319).

Embora Suzuki esteja se referindo aos ensaios de Hume, podemos transpor tais concepções aos ensaios de Montaigne, uma vez que a partir dele este gênero literário, de sua própria invenção, tem se aprimorado e definido como gênero específico e movido estudos, como o de Suzuki. Assim, para compreendermos o ensaio “Da educação das crianças” e as ideias pedagógicas de Montaigne, é preciso nos colocarmos em conversa com ele, e uma conversa informal, cheia de ideias, reflexões, opiniões e conselhos. É preciso filosofar ensaisticamente com Montaigne, que escreve como se estivesse em conversa com a madame Diane de Foix, a quem dedica o ensaio, sem esquecer seus demais leitores.

Atentemos a um fato, como considera Hume (2008, p. 222-223): é o ensaio “[...] essa liga do mundo letrado com o mundo do convívio social”, ou como recoloca Suzuki (2008, p.320) “[...] é o elo entre o mundo da erudição e o público.” Portanto não se deve subestimar essa intimidade com Montaigne, essa maneira fácil e fluida com que coloca suas ideias, “[...] essa armação mais elástica e menos definida [...] ” SUZUKI, 2008,p. 316), pois Montaigne é um homem letrado com grande conhecimento erudito, e compõe o ensaio XXVI com profundidade e reflexão.

Capítulo 4

Pensando com Montaigne: Os guias da Formação Humana

Após estudarmos sobre quem foi Michel de Montaigne, como escreveu e o que escreveu sobre a formação humana, podemos nos perguntar, afinal, o quê ou quem são os guias da formação? Talvez possamos arriscar-nos a encontrar três respostas: a natureza, o preceptor e a experiência. Mais um agrupamento ternário para tentar condensar de maneira orgânica algo tão complexo como é a formação.

4.1 A Natureza

“A natureza cria sempre leis melhores do que as nossas.”
(MONTAIGNE, 1961, p. 322).

Montaigne coloca como guia na educação das crianças, para além e acima do preceptor, a natureza. Aconselha seguirmos a natureza, permitirmo-nos sermos guiados por ela, por serem as suas leis mais sábias do que as leis do homem. O conhecimento do homem é sempre limitado, e o direito que rogou a si mesmo de administrar a verdade, falso. O filósofo questiona no ilustre ensaio “Apologia de Raymond Sebond”, símbolo de seu ceticismo, a busca humana por verdades e convicções:

Examinemos, portanto, se está ao alcance do homem encontrar o que procura e se essa procura a que se vem entregando há séculos lhe trouxe alguma força nova, alguma verdade sólida. Creio que reconhecerão, se falarmos honestamente, que tudo o que tirou de tão longa busca foi a certeza de sua impotência. Nesse longo estudo, a ignorância que nos é naturalmente inerente, ficou confirmada e demonstrada. Aconteceu aos verdadeiros sábios o que se verifica com as espigas de trigo, as quais se erguem orgulhosamente enquanto vazias e, quando se enche e amadurece o grão, se inclinam e dobram humildemente. Assim esses homens, depois de tudo terem experimentado, sondado e nada haverem encontrado nesse amontoado considerável de coisas tão diversas, renunciaram à

presunção e reconheceram a sua insignificância. (MONTAIGNE, 1962, p. 225).

Montaigne, em sua multivariada filosofia ensaística, refere-se por diversas vezes à natureza como princípio e direção-mestra. Talvez por tal razão considerou Sócrates o maior e mais perfeito ser humano, justamente por que foi o que mais conseguiu, a seu ver, se aproximar da perfeição das leis naturais, aceitando os prazeres físicos sem dispensar os espirituais (MONTAIGNE, 1961). Para dar maior concisão a esta concepção, é importante reforçarmos que Montaigne considera o homem um ser uno, e não uma alma ou apenas um corpo, de forma a se darem separados.

Porém não é o homem em seu estado natural de que Montaigne fala, não é um retorno à natureza por um ser desenganado pela vida em sociedade, mas um ser que, mesmo sendo homem nascido em um tempo histórico, parte integrante do corpo social de uma cidade, um país e mesmo cosmopolita, sabe-se co-existente em um mundo regido pela mãe natureza, e por isso quer aceitar-se como corpo, e corpo dotado de juízo da mesma maneira que de volúpia. Não nega o corpo e a vida corporal. Antes, considera-o dentro de um todo integral que é o ser humano, ainda que impassível de ser conhecido e descrito em totalidade. E condena os que desprezam o corpo, como quem despreza a própria vida. Diz:

Nada é tão legítimo e belo como desempenhar o papel de homem em todos os seus aspectos. Não há ciência mais árdua do que a de saber viver naturalmente; e a mais terrível das moléstias é o desprezo pela vida. (Montaigne, 1961, p. 355).

Por conceber o ser humano como um ser integral dotado de corpo e espírito é que Montaigne indica em sua pedagogia, a prática de exercícios físicos juntamente com as práticas morais e intelectuais.

Montaigne critica duramente a influência dos pais na educação das crianças, e que estas não devem ser educadas em seus colos, pois isto é capaz de amolecê-los por conta de seu amor natural, o qual os torna incapazes de castigá-los e de exigir-lhes vigor e temeridade. Mas podemos descobrir nestas ideias de Montaigne mais um alerta do que uma regra, pois para Montaigne tão importante quanto fortalecer a alma das crianças, é fortalecer-lhes seus corpos, como coloca:

Ora, habituar-se a suportar o trabalho é habituar-se a suportar a dor [...]. É preciso acostumá-lo ao sofrimento e à rudeza dos exercícios, a fim de

treiná-lo para o sofrimento e a rudeza da luxação, da cólica, do cautério, e também do cárcere e da tortura. (Idem, 2002, p. 230).

O que Montaigne quer, acima de tudo, é que sua criança seja educada para a excelência moral e a força física, e desta forma pretende que todos os obstáculos que impedirem tal tarefa sejam removidos. Também almeja com tal atitude de afastar os pais, que o preceptor possua autoridade soberana sobre a criança. Em se tratando de uma formação moral, não é de se espantar que o respeito pela autoridade do mestre seja algo sumamente importante. Será ele que irá lhe apontar os caminhos. Assim, podemos refletir juntamente com Montaigne sobre a importância do respeito aos educadores e à autoridade dos mesmos, sejam eles preceptores, pais ou mesmo professores.

4.2 O preceptor

Montaigne coloca a importância do preceptor e da escolha deste como substancial ao processo educativo. Podemos assim interpretar, que para ele, não é concebível a educação de uma criança a seu modo, sem a existência de um alguém que esteja com a criança e a oriente, conduzindo a criança aos exercícios que lhe proporcionarão seu desenvolvimento pleno. Todavia, o preceptor deverá agir de uma maneira nova, diferenciando-se das práticas pedagógicas existentes em seu tempo nos estabelecimentos de ensino (MONTAIGNE, 2002), nos quais o ensino se dava de maneira torturante, através de rígida disciplina e cansativas memorizações, bem como de pesada carga horária, práticas que o filósofo considerava embrutecedoras do ser humano. Wailer comenta sobre como era esse ensino:

Possuímos os regulamentos dos colégios por volta de 1580, época em que Montaigne escreve: verifica-se que a duração dos estudos era de quinze ou dezesseis anos em teoria, de oito ou nove na prática²⁷; o dia de trabalho variava de oito a treze horas; acrescentem-se as arengas durante as refeições, os ofícios religiosos e os exames de consciência. Pouca recreação e férias curtas. Quanto à substância do ensino, atinham-se ao trívio da Idade Média; gramática, retórica e dialética, divisão que, com outros nomes, se

²⁷ Nota de Weiler: “Montaigne terminou os seus aos quatorze anos (1547), depois de oito nos no colégio.

perpetuou até os nossos dias. Nas classes de gramática, o rudimento aprendia-se de cor e os alunos não faziam senão recitar; as classes de retórica e dialética comportavam exercícios menos fastidiosos, como essas *disputationes*, que tinham aspecto de competições esportivas. Os jovens mantinham também cadernos de “lugares-comuns”, isto é, em suma, de referências, e Montaigne deles se aproveitou, sem o dizer, em seus primeiros ensaios. Naturalmente, todo o ensino era em latim, sendo o fim visado a compreensão e o emprego corrente dessa língua. Em conjunto, os defeitos do colégio de então lembram os do ginásio de hoje: horários excessivos, estudos demasiado abstratos. Dir-se-ia que se tratava antes de tudo de aprender a discorrer e argumentar; não se preparava para a vida, não se pensava em formar homens. (WEILER, 1961, p. 54).

A nova maneira de educar proposta por Montaigne, que “[...] passa a fazer parte do grande movimento de renovação da pedagogia que caracterizava o humanismo da Renascença.” (NAYA et al., 2009, p. 634, tradução minha) é mais livre: não se deve punir, castigar ou causar sofrimento para bem educar. É preciso confiar na capacidade do aluno de se formar ao vivenciar suas experiências, ou seja, embora seus estudos estejam imiscuídos por toda a parte e lhes serão propostos de forma sutil e prazenteira, são estudos e investigações, o que irá lhe solicitar constantemente suas potencialidades.

Pensar sobre a educação das crianças com Montaigne significa pensar como mestre, com os olhos do educador, e é essa perspectiva que o filósofo adota ao escrever o ensaio XXVI. Assim, compreendemos não apenas o que Montaigne espera de seu aluno, mas o que espera de seu mestre. É o mestre, ou o preceptor, quem guiará a criança, é a ele que cabe a grande responsabilidade de articular esta que é a maior e mais difícil tarefa da ciência humana: educar.

Podemos então conhecer qual a concepção que Montaigne emprega para definir um mestre (e também o que espera do aluno): é aquele que tem a “cabeça bem feita”²⁸, e não a “cabeça bem cheia”.

²⁸ Edgar Morin, inspirado em Montaigne, publicou em 1999 uma obra com este mesmo título, “A cabeça bem feita”, em que trata da necessidade de reformar o pensamento para reformar o ensino, em virtude dos desafios da educação hoje.

Vemos também, através desta concepção, qual deve ser a formação do educador: este deve ser preparado de modo a se tornar uma pessoa melhor, e não apenas um especialista e grande conhecedor das ciências²⁹. A formação de seu preceptor deve ser, antes de mais nada, humana, moral e filosófica, em detrimento de uma formação estritamente científica.

A “cabeça bem feita” é uma decorrência dos costumes e do entendimento, e a “cabeça bem cheia” decorre do acúmulo dos conteúdos científicos. Montaigne não exclui a participação da ciência na formação de seu aluno, mas prima pela formação dos costumes e do entendimento, isto é, uma formação voltada para a virtude e para o desenvolvimento do bem pensar. Não quer formar um cientista, ou um especialista, quer formar um homem. E não apenas a sua mente, mas também seu corpo e seu caráter.

4.3 A experiência

Montaigne ainda quer mais de seu preceptor: quer que ele conduza seu aluno de uma “forma nova” (MONTAIGNE, 2002, p. 224). Mas, qual seria essa nova forma? Inovar em quê? Na didática empregada em seu tempo para o ensino, que era o de “repetir o que nos disseram”, ou seja, empregava-se o método da memorização, como alega: “Não cessam de martelar em nossos ouvidos, como quem despejasse em um funil, e nossa tarefa é apenas repetir o que nos disseram. Gostaria que corrigisse esse ponto [...]” (MONTAIGNE, 2002, p. 224).

Qual a novidade proposta por Montaigne? Que o preceptor faça o aluno experimentar aquilo que lhe é ensinado, e que, segundo as palavras de Montaigne:

[...] dependendo do alcance da alma que tiver em mãos, começasse a colocá-la na parada, fazendo-o experimentar as coisas, escolhê-las e discernir por si mesma; às vezes abrindo-lhe caminho, às vezes deixando-a abri-lo. Não quero que ele invente e fale sozinho, quero que escute o discípulo falar por sua vez. (MONTAIGNE, 2002, p. 224).

Montaigne concebe neste trecho a importância fundamental que a experiência tem para a boa formação da criança, quer que o preceptor faça com que o aluno experiencie aquilo que lhe está sendo transmitido,

²⁹ As ditas ciências deste período eram a Medicina, o Direito e a Teologia.

sendo que esta experiência se dará através de escolhas e do uso do discernimento próprios, bem como da própria fala. Encontramos aqui duas categorias centrais na pedagogia montaigniana: a experiência e a conversação (que faz parte da experiência). É através da fala que se pode exercitar o pensamento e o próprio espírito humano, e assim ela constitui uma real experiência.

No ensaio “Da arte de conversar” o filósofo considera a conversação como o mais natural e proveitoso exercício do espírito humano (MONTAIGNE, 1961, p. 225), pois para ele “O mundo não passa de uma escola de investigação.” (MONTAIGNE, 1961, p. 229).

Apresentada esta categoria da conversação, nada mais apropriado para Montaigne do que incitar o seu exercício por parte do aluno. É através dela que o filósofo julga que seu aluno irá captar e incorporar tudo aquilo que lhe foi ensinado. Porém, para que a conversação seja efetiva, não basta que ela seja simplesmente uma repetição das palavras que o aluno escutou; antes, deve ser uma conversa na qual se peça ao aluno o sentido e a substância da lição (*leçon*) que lhe é oferecida, e que ainda possa julgar sobre o benefício da lição através da aplicação em sua própria vida. Como o preceptor irá colocar isto em prática? Montaigne mostra: “Aquilo que tiver acabado de ensinar, faça a criança colocá-lo em cem facetas e adaptar a tantos outros diversos assuntos, para ver se ela realmente o captou e incorporou [...]” (MONTAIGNE, 2002, p. 225).

Todo esse cuidado sugerido por Montaigne visa fazer com que a criança desenvolva sua fala e seu pensamento, seu juízo e seu entendimento, para que assim aprenda a ser livre e a manter o seu vigor. Aqui identificamos um dos objetivos da pedagogia de Montaigne: formar pessoas livres e suficientemente vigorosas para pensar por conta própria.

Ao incentivar o uso da razão através da experiência, Montaigne quer que tudo o que for transmitido ao seu aluno, seja passado por seu crivo (do aluno),

[...] e nada aloje em sua cabeça por simples autoridade e confiança [...]. Que lhe proponham essa diversidade de opiniões; ele escolherá se puder; se não, permanecerá em dúvida. Seguros e convictos há apenas os loucos.(MONTAIGNE, 2002, p. 226).

Neste ponto do livro I dos “Ensaaios” entra uma outra categoria chave em sua pedagogia: a dúvida.

Montaigne, como um apreciador do pirronismo³⁰, jamais abandona a dúvida em seu pensar, constantemente utilizando-se dela na elaboração de seu julgamento. Neste momento, é possível identificar o ceticismo aplicado pelo filósofo, muito mais como uma ferramenta do pensar do que como uma posição final. Assim, cita Dante: “*Che non men che saper dubbiar m`agrada*”³¹.

Seja como for, ao tomar conhecimento de diversas opiniões e abraçá-las por seu próprio julgamento, será quando tais opiniões tornar-se-ão suas próprias.

“Quem segue um outro nada segue. Nada encontra, e até mesmo nada procura.” (MONTAIGNE, 2002, p. 226). É preciso experimentar para compreender tudo aquilo que lhe é ensinado, e mais ainda, é preciso julgar, discernir, duvidar, para que, só então, se adote tais ideias, ou, pelo contrário, se rejeite.

Dentro desta concepção, uma cabeça só se torna bem feita com aquilo que é submetido ao seu crivo, não pela autoridade ou pela confiança, evitando-se assim a crença em opiniões falaciosas, mas tão somente pelo entendimento.

A verdade e a razão são comuns a todos, e não pertencem a quem as disse primeiramente mais do que quem as disse depois. Não é segundo Platão mais do que segundo eu mesmo, já que ele e eu o entendemos e vemos da mesma forma. (MONTAIGNE, 2002, p. 227).

Dessa forma, tudo aquilo que nos for emprestado como ensinamento e nos servir deverá ser transformado e apropriado para que possamos erigir algo totalmente nosso: o julgamento, pois “[...] sua educação, seu trabalho e seu estudo visam tão somente a formá-lo.” (MONTAIGNE, 2002, p. 227). Neste momento do ensaio encontramos a formação do julgamento ou do juízo como mais uma categoria primordial da educação proposta por Montaigne.

Ao apropriar-se de todo conhecimento que seu entendimento aceitou, formando desta maneira o seu julgamento, “Que ele cale sobre tudo de que se valeu e mostre apenas o que fez disso.” (MONTAIGNE,

³⁰ Doutrina do filósofo Pirro de Élis (360-270 a.C.), também conhecido como pirronismo cético, ou o hábito de duvidar de tudo.

³¹ Dante, Inferno, XI, 93 in Montaigne, p. 226, I, 2002.

2002, p. 227). É nesse ponto que Montaigne apresenta qual é o objetivo de sua pedagogia, e de tudo que é ensinado ao aprendiz: “O proveito de nosso estudo está em com ele nos termos tornado melhores e mais sensatos.” (MONTAIGNE, 2002, p. 227). E então aqui identificamos o para quê da educação de uma criança na concepção montaigniana, que é torná-la melhor e mais sensata. Concepção esta que, ainda que incerta quanto às suas possibilidades de alcançar o fim desejado, parece bela e de bom senso.

A partir destas evidências, é possível caracterizar a pedagogia montaigniana como uma pedagogia que visa à formação integral do ser humano em seus aspectos físicos, intelectuais e morais, levando em consideração o tornar-se melhor de maneira ampla, visando a formação de um ser que seja saudável, forte e vigoroso em seus aspectos físicos (os quais se refletirão em seu espírito), que faça uso de sua capacidade de pensar por conta própria e que seja moderado e virtuoso em seu caráter.

4.4 Uma Educação ensaística

É possível vislumbramos possibilidades, a partir do pensamento ensaístico de Montaigne, para pensarmos atualmente uma possibilidade de uma educação ensaística? Acredito que sim.

Ser um profissional da educação, eis um grande desafio. Afinal, como educar? Pois esta profissão trabalha com pessoas, com a presença nas escolas, estes espaços reservados para o conhecimento, para que os alunos possam conhecer os saberes e as áreas de saberes da humanidade. No entanto, o enfoque aqui, ao pensarmos em uma educação ensaística, não será nestas áreas do saber, ou seja, no que vai ser ensinado, apresentado, instruído. Coloco: a atenção será para que se observe a diversidade de caminhos que surgem diante destes profissionais da educação – os caminhos trilhados institucional e politicamente e a multiplicidade de caminhos possíveis. Os caminhos estabelecidos e os caminhos em aberto. Os caminhos das diretrizes e bases, dos parâmetros e leis, concepções e didáticas, métodos e regras, ordens e currículos, metas e autores. E o caminho do ser individual e seus ensaios. Este último, o caminho das escolhas próprias, das atitudes inusitadas, da improvisação, das performances e do bom senso nas salas de aula, o que só é possível a quem está ali, presente naquele espaço e tempo e vivendo determinada experiência. O caminho do profissional e o caminho do ser humano, mistura esta que torna possível o ensaio diante da educação e da própria vida.

Inspirar-se nos “Ensaaios” de Montaigne para pensar uma educação ensaística requer a abertura de possibilidades formativas e a consideração dos caminhos possíveis à experimentação e à tentativa. É deparar-se com as tensões que emergem do campo educacional: acertos e erros, ciências e experiências, teoria e prática, natureza e cultura.

Ao se compreender a educação de forma ensaística, abrimos a possibilidade de admitir o improvisado e o erro, mas também, a possibilidade da autoria, a possibilidade de que mestre e discípulo, ou ao menos, professor e aluno, possam ser autores de sua formação ao viver suas experiências particulares e coletivas.

No ensaio, conto com o bom senso do meu juízo a respeito de cada situação. Na educação ensaística, também. Ao ensaiar, posso propiciar momentos formativos para meus alunos, que para além de estudantes em uma sala de aula, são seres humanos ali reunidos em um espaço comum. Conto então com o meu bom senso para perceber sutilezas e possibilidades de trabalhos, fazendo com que aconteçam momentos formativos através da possibilidade de autoria, ou seja, que os saberes trabalhados, possam se tornar significativos para cada aluno, a exemplo da metáfora das abelhas utilizada por Montaigne:

As abelhas sugam das flores aqui e ali, mas depois fazem o mel, que é todo delas: já não é tomilho nem manjerona. Assim também as peças emprestadas de outrem ele irá transformar e misturar, para construir uma obra toda sua: ou seja, seu julgamento. Sua educação, seu trabalho e seu estudo visam tão somente a formá-lo. (MONTAIGNE, 2002, p.227).

A ideia de assimilação, ou seja, de tomar emprestado do outro para criar algo próprio, além de ser uma das teses do Humanismo como citado anteriormente, é ideia que Montaigne absorve dos antigos romanos, especificamente Sêneca, que inclusive escreveu sobre esta mesma metáfora ao falar da importância de alternar as práticas da leitura e da escrita, revela:

Devemos, como se diz, imitar as abelhas, que vão de um lugar a outro para escolher as flores que lhe darão mais mel e depois repartem e dispõem em favos tudo o que recolheram [...]. [...] também devemos imitar as abelhas, e tudo o que acumularmos com nossas diferentes leituras devemos ordenar (melhor se conservam as coisas, se estão em lugares certos) e, após, com todo o

nosso esforço e a nossa inteligência, unir em um só saber todos os diversos conhecimentos, de forma a que se consiga perceber a sua origem e se possa demonstrar, igualmente, a sua transformação. (SÊNECA, 2008, p. 80-81).

O filósofo Montaigne em seus “Ensaaios”, fala a nós não apenas sobre o uso do bom senso nas mais diversificadas situações deste grande fluxo contínuo que é a vida, como também nos fala sobre a capacidade do uso da razão humana através do julgamento, ou seja, do juízo. Porém a razão humana capaz de julgamento de que Montaigne fala, é uma razão dotada de corpo, uma razão de um ser humano em sua unidade de corpo e espírito, jamais podendo ser concebida separadamente. Assim, podemos entender o processo de formação humana concebido por Montaigne como o exercício de capacidades intelectuais, morais e físicas em conjunto, exercício este, que como o ensaio, comporta a possibilidade de autoria. Como ensaios do julgamento, em direção ao tornar-se melhor, ensaios de sabedoria, ensaios de experiências, ensaios do aprender a viver bem e ouvir a natureza. Ensaaios do buscar uma estética da vida, e uma estética que se fundamenta na arte do bem viver.

A partir da perspectiva inaugurada por Montaigne, da escrita ensaística, emergem múltiplas formas para pensarmos a educação, tanto no âmbito do ensino como no da aprendizagem. Se tomarmos as características do ensaio, podemos extrair “[...] três ideias básicas: a) o auto-exercício das faculdades. b) a liberdade pessoal. c) o esforço constante pelo pensar original.” (LIMA, 1944 apud MOISÉS, 2004, p. 176)³². Características também fundamentais na educação a fim de que se possa desenvolver a capacidade de autoria nos professores e alunos.

Ao compreendermos o ensaio a partir da perspectiva montaigniana, podemos arriscar-nos a transpô-lo para a educação, tanto ao pensar nas formas e estratégias de lidar com o ensino, possibilitando-se aos alunos que se coloquem em questão, investigando a natureza humana à medida que investigam a si próprios, tanto ao pensar no desenvolvimento da aprendizagem, ao possibilitar aos alunos a exploração ensaística sobre os conhecimentos tratados. Desta maneira, o ensaio na educação pode ser visto literalmente, compreendendo-o como o exercício da leitura e da escrita de ensaios, e também metaforicamente, pensando-se nas tentativas performáticas e

³² Silvío Lima. *Ensaio sobre a Essência do Ensaio*. 1944.

experimentais que alunos e professores podem empreender na construção de seus conhecimentos.

Considerações finais

Não iremos encontrar em Montaigne uma solução para o nosso problema da educação. Obviamente, há limites para quem olha daqui um texto escrito no século XVI. Vivemos em outros tempos e nossos dilemas diferem, em partes, dos daquele período histórico. A população mundial, desde aqueles tempos, vem crescendo e se multiplicando a grandes passadas, de uma média de 400 milhões em 1.500 d.C. para quase 7 bilhões em 2012. Muitas transformações ocorreram, avanços científicos, alterações sociais, geográficas, políticas e econômicas. Hoje, as instituições educacionais são lei na grande maioria dos países, os quais possuem objetivos com a educação, que muito diferem dos ideais pedagógicos de Montaigne. Talvez, até mesmo em seu tempo já diferiam, e por tal razão a sua crítica às instituições de ensino e à institucionalização da infância.

Vemos atualmente a área científica e técnica em gigantescas escalas na educação, no preparo para o mercado de trabalho e para a manutenção de um modo de produção capitalista, preocupação ausente em Montaigne. Vemos a economia dominar todas as relações, inclusive as relações pedagógicas. Da mesma maneira que vemos o humano esmagado com tantos afazeres e necessidade de sobrevivência. O Humano está mais uma vez esquecido pelo andamento da engrenagem histórica, e em última instância é que pode ser encontrado. E assim, sufocados pela violência e crueldade (problema sem fim?) encontramos reconforto nos “Ensaios” de Montaigne. Deparamo-nos com o que é nosso desde há muito, e podemos nos inspirar com a sua pintura do “Eu”, para autoralmente pintarmos a nós mesmos.

Seja pelo seu exemplo de vida tranquila, mas não inativa, seja pelo seu estilo galante e proseguidor, sempre disposto a uma boa conversa ainda que através da escrita, seja pelas suas reflexões e devaneios sobre a vida e o humano, temos em Montaigne um clássico que ainda nos fala: precisamos apenas silenciar o nosso espírito (não necessariamente na torre de um castelo...) para poder fruí-lo, e quem sabe, ouvir a voz da natureza através da escrita, sonho do ensaísta...

Montaigne nos presenteia com a agudeza e delicadeza de seu espírito, e temos a oportunidade de caminhar junto com ele a pensar sobre a arte de educar. Ádua tarefa. Nobre tarefa. Como numa dança, ele nos tira para dançar, e nos conduz a um ensaio, revelando-nos elementos vitais da formação: a singularidade de cada ser, a importância de um bom mestre, o processo fundamental que é a experiência, o valor

das viagens, da conversação, da observação, da dúvida, da sensatez, do silêncio, das artes, dos exercícios, da história, da filosofia, da natureza...

Como ensaísta, não assume a responsabilidade de prescrever métodos para a realização de tais atividades. Apenas sugere, e sugere como nenhum outro antes dele, o olhar para a criança, para a singularidade de cada uma. Também sugere a filosofia para as crianças, e acredita que ela seja acessível a todos, como podemos lê-lo: “Pois que a filosofia é a [arte] que nos ensina a viver e a infância tem nela a sua lição, como as outras idades, por que não lha transmitimos?” (MONTAIGNE, 2002, p. 243). Ele não diz exatamente como, mas podemos intuir que seja buscando exemplos práticos e a simplicidade.

Outra sugestão do ensaísta é buscar “ouvir” a voz da natureza. Sugestão de grande relevância, pois retomar as discussões sobre a natureza e o papel que tem esta na formação dos seres humanos, a partir dos Ensaio de Montaigne, levando em consideração este ser tão familiar e tão desconhecido, é muito significativo hoje, tempo que tanto se fala em natureza, consciência planetária e meio ambiente.

A exploração dos recursos naturais sem medida, a apropriação da terra por parte de uma minoria e a desapropriação de tanta biodiversidade de seus habitats naturais, a forma como o ser humano tem tomado a natureza simplesmente como algo dado, como matéria desconectada do todo, desconsiderando a possibilidade de uma ordem e integridade do cosmos, é atitude que, apesar de toda a riqueza material e econômica que tem gerado, visivelmente vem causando devastação e destruição de proporções desconhecidas.

Analisar o desenvolvimento do conceito de natureza e as influências que causa na mentalidade dos povos, implica analisar as relações estabelecidas entre homem e natureza, e bem sabemos o abismo de concepções que há entre o homem civilizado e o homem selvagem, como belamente escreve Montaigne no ensaio “Dos canibais”, escrito após tomar conhecimento dos indígenas do Brasil e da forma como viviam:

[...] não há nessa nação nada de bárbaro e de selvagem, pelo que me contaram, a não ser porque cada qual chama de barbárie aquilo que não é de seu costume; como verdadeiramente parece que não temos outro ponto de vista sobre a verdade e a razão a não ser o exemplo e o modelo das opiniões e usos do país em que estamos. Nele sempre está a religião perfeita, a forma de governo perfeita, o uso perfeito e cabal de todas as coisas. Eles são selvagens, assim como chamamos

de selvagens os frutos que a natureza por si mesma e por sua marcha habitual, produziu, sendo que, em verdade, antes deveríamos chamar de selvagens aqueles que com nossa arte alteramos e desviamos da ordem comum. (MONTAIGNE, 2002, p. 307).

Se para Montaigne, devemos buscar seguir a natureza como caminho pedagógico e formativo para a nossa vida, ainda que seja a natureza algo indeterminado pela nossa compreensão, da mesma maneira, ainda hoje o é. Talvez o grande segredo de como educar crianças seja tarefa tão difícil justamente porque desdenhamos os desígnos da natureza para um ser que dela faz parte.

O mistério da natureza continua encoberto, e segue o homem sem saber como educar, porque sem saber como viver.

Finalizo com a poesia “Mestre” de Ricardo Reis, um dos heterônimos do grande poeta da língua portuguesa Fernando Pessoa (2006), poema que tão bem se acomoda à sabedoria exalada por Montaigne, a de que, talvez, nós humanos, tenhamos muito o que aprender sobre a arte do bem viver ao deixar a vida transcorrer com tranquilidade e os olhos cheios de natureza, tal como as crianças:

Mestre, são plácidas
 Todas as horas
 Que nós perdemos,
 Se no perdê-las,
 Qual numa jarra,
 Nós pomos flores.

Não há tristezas
 Nem alegrias
 Na nossa vida.
 Assim saibamos,
 Sábios incautos,
 Não a viver,

Mas decorrê-la,
 Tranquilos, plácidos,
 Tendo as crianças
 Por nossas mestras,
 E os olhos cheios

De Natureza ...

À beira-rio,
À beira-estrada,
Conforme calha,
Sempre no mesmo
Leve descanso
De estar vivendo.

O tempo passa,
Não nos diz nada.
Envelhecemos.
Saibamos, quase
Maliciosos,
Sentir-nos ir.

Não vale a pena
Fazer um gesto.
Não se resiste
Ao deus atroz
Que os próprios filhos
Devora sempre.

Colhemos flores.
Molhemos leves
As nossas mãos
Nos rios calmos,
Para aprendermos
Calma também.

Girassóis sempre
Fitando o sol,
Da vida iremos
Tranquilos, tendo
Nem o remorso
De ter vivido.

Referências

Obras de Montaigne:

MONTAIGNE, Michel Ayquem de. **Ensaaios**. Livro primeiro. Trad. de Sérgio Milliet, precedido de Montaigne – o homem e a obra, de Pierre Moreau. 2ª. ed. Brasília, Editora Universidade de Brasília: Hucitec, 1987.

_____. **Os Ensaaios**: livro I. Trad. Rosemary Costhek Abílio, precedido de “um estudo sobre Montaigne”, de Pierre Villey sob direção e com prefácio de V.-L. Saulnier – 2ª ed. – São Paulo: Martins Fontes, 2002.

_____. **Ensaaios**. Livro II. Tradução, Prefácio e Notas lingüísticas e interpretativas de Sérgio Milliet. Precedido de “Os Ensaaios de Montaigne” de Pierre Villey. Porto Alegre: Editora Globo, 1962.

_____. **Ensaaios**. Livro III. Tradução, Prefácio e Notas lingüísticas e interpretativas de Sérgio Milliet. Precedido de “Para Conhecer o Pensamento de Montaigne” de Maurice Weiler. Porto Alegre: Editora Globo, 1961.

_____. **Essais**. Livre premier, second et troisième. Édition d’Emmanuel Naya, Delphine Reguig-Naya et Alexandre Tarrête. Nouvelle édition de l’Exemplaire de Bordeaux em 2009. Collection Folio classique, Paris: Éditions Gallimard, 2009.

Obras sobre Montaigne:

AZAR, Celso Martins. **Natureza e lei natural nos Ensaaios de Montaigne**. Revista Principia. Ano 3, n. 4. P. 51-71, jan/dez 1996.

BURKE, Peter. **Montaigne**. Trad. Jaimir Conte. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

MOREAU, Pierre. **O homem e a obra**. In Ensaaios de Montaigne, Brasília, UnB/Hucitec, 2ª ed. 1987, Vol. I, p. 3-93.

STAROBINSKI, Jean. **Montaigne em Movimento**. Trad. Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

VILLEY, Pierre. **Os Ensaios de Montaigne**. In Ensaios de Montaigne, Livro II. Tradução, Prefácio e Notas lingüísticas e interpretativas de Sérgio Milliet. Porto Alegre: Editora Globo, 1962. P. 3-91.

_____. **A vida e a obra de Montaigne**. In Ensaios de Montaigne, Livro I. Trad. Rosemary Costhek Abílio, precedido de “um estudo sobre Montaigne”, de Pierre Villey sob direção e com prefácio de V.-L. Saulnier – 2ª ed. – São Paulo: Martins Fontes, 2002. P. LI-XCVIII.

WEILER, Maurice. **Para conhecer o pensamento de Montaigne**. In Ensaios de Montaigne, Livro III. Tradução, Prefácio e Notas lingüísticas e interpretativas de Sérgio Milliet. Porto Alegre: Editora Globo, 1961. P. 3-125.

Outras obras:

ADORNO, Theodor. **Notas de Literatura I: O ensaio como forma**. Tradução e apresentação de Jorge M. B. de Almenida. São Paulo: Duas Cidades: Editora 34, 2003.

BUCKINGMAN, Will et al. **O livro da filosofia**. Trad. Rosemarie Ziegelmaier. São Paulo: Globo, 2011.

CÍCERO, Marco Túlio. **A Amizade**. Trad. Luiz Feracine. São Paulo: Escala, 2006.

CORVISIER, André. **História Moderna**. São Paulo : Difel, 1983.

DAVIS, Adam Hart. **renascimento e reforma** / consultor editorial Adam Hart-Davis; [editor tradutor] Carlos Alberto Pavam. São Paulo: Duetto Editorial, 2009. (Enciclopédia ilustrada de história).

HUME, David. **A arte de escrever ensaio e outros ensaios** (morais, políticos e literários). Seleção Pedro Paulo Pimenta; trad. Márcio Suzuki e Pedro Paulo Pimenta. São Paulo: Iluminuras, 2008.

LAÉRCIO, Diógenes. **Vidas e Doutrinas dos Filósofos ilustres**. Trad. Mário da Gama Kury. Brasília: ed. UNB, 1977.

NIETZSCHE, Friedrich. **Schopenhauer educador**. Trad. Antônio Carlos Braga e Ciro Mioranza. São Paulo: Editora Escala, 2008.

NOVAES, Adauto. **Artepensamento**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

OVÍDIO, Públio Naso. **Metamorfoses**. Trad. Manuel Maria Barbosa du Bocage. São Paulo: Martin Claret, 2004.

SÊNECA, Lúcio Anneo. **Aprendendo a viver**. Trad. Lúcia Sá Rebello. Porto Alegre: L&PM, 2008.

_____. **A constância do Sábio**. Trad. Luiz Feracine. São Paulo: Escala, 2007

Dicionários:

ABAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. Trad. da 1ª edição brasileira coordenada e revista por Alfredo Bossi; revisão da trad. e trad. dos novos textos Ivone Castilho Benedetti. 5ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

AMORA, Antônio Soares. **Minidicionário Soares Amora da língua portuguesa**. 19ª ed. São Paulo: Saraiva, 2009.

MOISÉS, Massaud. **Dicionário de termos literários**. 12ª ed. rev. e ampl. São Paulo: Cultrix, 2004.